ELOGIO

DE

D. FRANCISCO XAVIER MASCARENHAS.

ELOGIO
DE
D. FRANCISCO XAVIER
MASCARENHAS,

Cavalleiro Professo na Ord. de Christo, Coronel, que foy de hum dos Regimentos da Marinha, e Commandante da Esquadra, que em o anno de 1740. foy para o Estado da India, com Patente de Sargento mór de Batalha.

ESCRITO, E DEDICADO

A' ILLUSTRISSIMA, E EXCELLENTISSIMA SENHORA

CONDESSA DE S. TIAGO,

Por FRANCISCO JOZE' FREIRE.

LISBOA:

Na Officina de ANTONIO ISIDORO DA FONSECA.

M. DCC. XLII.

Com as licenças necessarias.

A' ILLUSTRISSIMA,
E EXCELLENTISSIMA SENHORA

CONDESSA
DE
S. TIAGO,

FRANCISCO JOZE' FREIRE
deſeja toda a felicidade.

OFFEREÇO A V. Excellencia neſte breve Elogio as mais recomenda-

veis

veis acçoens da incomparavel vida do Senhor D. Francisco Xavier Mascarenhas. Naõ he este offerecimento obsequio, he obrigaçaõ, porque sem escandalo de todos naõ podia eu deixar de dedicar a V. Excellencia o Elogio de hum Cavalhero, de quem V. Excellencia muitas vezes he Irmaã, se igualmente com o sangue se attender às virtudes. Neste breve papel lerá V. Excellencia aquellas rarissimas acçoens,

çoens, com que o Senhor D. Franciſco Xavier Maſcarenhas naõ menos ſe fez digno da Patria, que do Ceo; e ſeraõ eſtas as que unicamente poderaõ enxugar as lagrimas, que V. Excellencia derrama pela ſua morte com tanto exceſſo, que nos dà de amor, e ſaudade hum novo exemplo. A grandeza deſte pranto, acompanhada de huma glorioſa diſcriçaõ das virtudes de V. Excellencia pertenderiaõ muitos,

tos, que eu neſta carta elogiaſſe; porém advertido huma, e outra couſa hey de involver no ſilencio; as lagrimas, por ſer couſa impoſſivel, as virtudes, porque tratando do Senhor D. Franciſco *no* Elogio *as eſcrevo: o que eu pertendo he, que a natural benignidade de* V. Excellencia *aceite eſte papel como effeito do meu zelo, conſiderando, que ſe eſte naõ foſſe, talvez ſuccederia, que as grandes acçoens do Senhor*

nhor

nhor D. Francisco Xavier Mascarenhas passassem às idades vindouras, naõ menos diminutas, que confusas; quando lhes naõ succedesse verem-se injuriosamente pelos seculos ingratos sepultadas no esquecimento. Naõ seria o Senhor D. Francisco Xavier Mascarenhas o primeiro, que padecesse esta injuria, porque naõ poucos Portuguezes verdadeiramente Heroes, ainda no eterno silencio justamente clamaõ de ve-

verem as ſuas memorias tratadas com huma avareza, ou taõ invejoſa, ou taõ ignorante, que nem huma breve inſcripçaõ lemos nos ſeus ſepulchros. Naõ ſó rogo a V. Excellencia, que me aceite o zelo, com que intentey eſte Elogio, ſenaõ que igualmente me deſculpe a humildade do eſtilo, com que o compuz, conſiderando tambem, que as glorioſas acçoens do Senhor D. Franciſco Xavier Maſcarenhas ſaõ taõ difficultoſas

toſas

tosas a escrever dignamente, como a imitar. A Pessoa de V. Excellencia guarde Deos por dilatados annos.

Criado de V. Excellencia.

Francisco Jozè Freire.

LICENÇAS
Do Santo Officio.

O Padre D. Caetano de Gouvea, Qualificador do Santo Officio veja o papel, de que trata a petiçaõ, e informe com ſeu parecer. Lisboa 18. de Outubro de 1742.

Fr. R. Alancaſtro. Teixeira. Sylva.
Soares. Abreu.

Approvaçaõ do M. R. Padre D. Caetano de Gouvea, Clerigo Regular da Divina Providencia, Qualificador do Santo Officio, e Academico do numero da Academia Real da Hiſtoria Portugueza.

EMINENTISSIMO SENHOR.

VI, como V. Eminencia me ordenou, o Elogio de D. Franciſco Xavier Maſcarenhas, eſcrito por Franciſco

Jozè

Jozè Freire, e admirando as grandes virtudes, que fizeraõ a D. Francifco mais illuftre, do que o havia feito o nafcimento, ainda que illuftriffimo, vejo que eftaõ referidas com toda a elegancia, e com toda a decencia, que lhes faõ devidas. Ha muitos feculos, que a grande Familia de Mafcarenhas he fecundiffima em Varoens eminentes, que por meyo de acçoens heroicas fe fizeraõ benemeritos da mais gloriofa fama; porèm D. Francifco naõ fó foy heroico imitador de feus preclariffimos Mayores no valor, e fciencia militar, mas teve a gloria de os exceder pelo exercicio das virtudes Chriftaãs, que praticou taõ perfeitamente, como fe naõ viveffe no mundo, mas no retiro de hum Clauftro. Na Hiftoria fecular defte Reyno fe verá, que elle os foube imitar, e na *Lufitania Sacra*, que os foube exceder; e como efte Elogio, pelo bem que eftá efcrito, he digno monumento de confervar para huma, e outra Hiftoria taõ preciofas memorias, tambem o he, de que V. Eminencia dê licença para fe fazer publico, pois naõ contèm coufa alguma contra a Fè, e

bons

bons coſtumes. Lisboa neſta Caza de N. S. da Divina Providencia de Clerigos Regulares 29. de Outubro de 1742.

D. Caetano de Gouvea, C. R.

VIſta a informaçaõ, pòde-ſe imprimir, e depois de impreſſo tornarà para ſe conferir, e dar licença, que corra, ſem a qual naõ correrà. Lisboa 2. de Novembro de 1742.

Fr. R. Alancaſtro. Teixeira. Sylva. Soares. Abreu. Amaral.

Do

Do Ordinario.

O Padre D. Jozè Barboſa veja o papel, de que trata a petiçaõ, e informe com ſeu parecer. Lisboa 5. de Novembro de 1742.

Sylveira.

Approvaçaõ do M. R. Padre D. Jozè Barboſa, Clerigo Regular da Divina Providencia, Examinador das tres Ordens Militares, e Synodal do Patriarchado.

V. Senhoria me ordena, que diga o meu parecer ſobre o Elogio, que Franciſco Jozè Freire fez à memoria de D. Franciſco Xavier Maſcarenhas. Conheci, e tratey ao Heroe deſte Panegyrico, e conheço o Autor, e fazendo deſintereſſadamente juizo, taõ excellentes acçoens mereciaõ taõ excellente penna. Por eſta razaõ chamarey a ambos felices, a hum pelas acçoens, que obrou, a outro porque as eſcreve; de ſorte, que pó-

póde competir com o valor, e com a piedade de D. Franciſco Xavier Maſcarenhas a elegancia de Franciſco Jozè Freire. Quem ler eſte papel deverá à viveza, com que o Autor repreſenta as memoraveis acçoens do ſeu Heroe, a natural ſaudade, que preciſamente ha de cauſar a falta de hum homem taõ digno de mais dilatada vida, como D. Franciſco Xavier Maſcarenhas, pois dando-lhe a natureza hum naſcimento taõ illuſtre, era tanta a ſua humanidade, que naõ fazendo nunca aquella coſtumada, e ſempre aborrecida differença, que vemos uſar com os inferiores os da ſua grandeza, de todos ſe moſtrava o menor, como continuamente ſe obſervava nos exercicios, que fazia aos Soldados, porque dizendo-lhes algumas palavras aſperas nas occaſioens, em que reprehendia em muitos a rudeza da percepçaõ, lhes pedia depois perdaõ com termos taõ humildes, e na ſevera opiniaõ de alguns, taõ improprios, jà da peſſoa, jà da occupaçaõ, que os deixava naõ ſó admirados, e confuſos, mas taõ obrigados, que o ſeguiraõ como fieis, e valeroſos companheiros ao Eſta-

 do

do da India. Nella podia eſperar eſte Reyno, que deſempenhaſſe D. Franciſco Xavier Maſcarenhas o valor dos do ſeu Apellido, que foy taõ fecundo de Varoens grandes, e foraõ tantos os que dilatáraõ a gloria Portugueza com as armas, que ſendo a mayor parte dos Titulos o premio das acçoens heroicas, a grande Arvore da Familia dos Maſcarenhas, entre os que houve, e entre os que hoje exiſtem, ſe vio coroada com treze Titulos de Marquezes, e Condes. Foy D. Franciſco Xavier Maſcarenhas hum Fidalgo da mayor esféra de Portugal, e naõ fazendo caſo de toda eſſa grandeza, deveo a ſi o fazerſe incomparavelmente mayor, como quem ſabia, que o naſcer grande naõ dependeo da ſua eleiçaõ, mas que o fazerſe grande pelas ſuas obras, era acçaõ verdadeiramente ſua, porque naõ participava, nem dependia do merecimento alheyo. Navegou de Lisboa para o Eſtado da India, deſejoſo de deſaggravar com a ſua eſpadà, e com os ſeus eſtudos militares as Armas Portuguezas, reſtaurando aquellas terras, em que em outro tempo eſtabelecèra Marte o ſeu tro-

trono, e em que florecèraõ homens taõ grandes, que os naõ ſoube fingir iguaes todo o encarecimento da lizonja. Aſſim o começou a ver aquelle Eſtado no valor, com que ſe ganhou a Fortaleza da Ilha de Corquem, que eſtava preſidiada de Soldados taõ déſtros, e valeroſos, que naõ cedendo aos da Europa na diſciplina, cedèraõ ao pequeno Exercito dos Portuguezes, porque os animava o eſpirito militar de D. Franciſco Xavier Maſcarenhas, que attento ao ſerviço da Patria, e à gloria da Naçaõ, ſervio como General de Batalha, naõ querendo arriſcar a felicidade da acçaõ com as diſputas, que podia, e devia fundar na ſuperioridade da ſua Patente. Eſte he o verdadeiro brio atropellar o intereſſe proprio em obſequio do intereſſe commum. Mudou D. Franciſco Xavier Maſcarenhas de terra, naõ mudou de vida, porque naõ reparando na differença dos climas, continuou nos meſmos exercicios com deſprezo da ſaude, que attenuada com o trabalho da guerra, com os incommodos da mais dilatada viagem, que fizeraõ atè agora as Armadas Portuguezas, e com

as penitencias, com que ſe preparava para o Ceo, adoeceo mortalmente, e lembrando-ſe de que em Santarem devèra o naſcimento à piedoſa interceſſaõ de Saõ Franciſco Xavier, ordenou que o ſeu corpo eſperaſſe a reſurreiçaõ univerſal ao pè do Altar do meſmo Santo; para que as cinzas de hum Soldado, mais de Chriſto, que do Eſtado, deſcançaſſem junto aos deſpojos mortaes do General Apoſtolico de todo o Oriente. E ſendo D. Franciſco Xavier Maſcarenhas taõ benemerito da ſua fama pelo valor, naõ o foy menos pela ſua generoſiſſima piedade, de que eſte Elogio faz verdadeira, larga, e diſcreta narraçaõ. O Autor merece toda a eſtimaçaõ, porque com eſte papel ſerve à Patria, eternizando com a ſua penna a memoria de hum Fidalgo, que póde ſervir de exemplar a todos os eſtados de peſſoas, porque vivendo no ſeculo, praticou as virtudes, como ſe vivera no Clauſtro mais reformado, o que faz com eſtilo taõ grave, taõ alto, e taõ adornado de excellentes penſamentos, que excedendo o que ſe devia eſperar dos ſeus poucos annos, chega aonde naõ chegáraõ

raõ outros de mais provecta idade, porque a delicadeza do juizo naõ he consequencia dos annos. Este Elogio me parece digníssimo da licença, que se pede para se imprimir, porque naõ contèm cousa alguma contra a nossa Santa Fè, ou bons costumes. Lisboa nesta Caza de N. Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares 6. de Novembro de 1742.

D. Jozè Barboza, C. R.

POde imprimir-se, e depois torne para se conferir, e dar licença para correr, sem a qual naõ correrà. Lisboa 9. de Novembro de 1742.

Sylveira.

Do

Do Paço.

MAnda El-Rey nosso Senhor, que Martinho de Mendoça de Pina e Proença, Concelheiro do Conselho Ultramarino veja o papel, de que trata a petiçaõ, e com seu parecer o remeta a esta Meza. Lisboa 20. de Novembro de 1742.

Pereira. Teixeira. Cardeal.

Approvaçaõ de Martinho de Mendoça de Pina e Proença, Concelheiro do Conselho Ultramarino, Guarda mór da Torre do Tombo, e Censor da Academia Real da Historia Portugueza.

SENHOR.

O Elogio de Dom Francisco Xavier Mascarenhas julgo muitas vezes dignissimo, de que se publique, assim para se perpetuar a memoria deste Illustre Cavalhero, como para inculcar com o seu

ſeu exemplo muitas das ſolidas virtudes, que teve, as quaes por menos apparatoſas ſaõ pouco uſadas neſte ſeculo, ainda que foraõ o fundamento, com que os Generaes Gregos, e Romanos fizeraõ tremer a cerimonioſa pompa dos Monarchas Aziaticos; eſte he o meu parecer, V. Mageſtade mandará o que for ſervido. Lisboa ultimo de Novembro de 1742.

Martinho de Mendoça de Pina e Proença.

QUe ſe poſſa imprimir viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornarà á Meza para ſe conferir, e taxar, e dar licença para que corra, que ſem ella naõ correrá. Lisboa 20. de Dezembro de 1742.

Pereira. Teixeira. Vaz de Carvalho.

VIsto estar conforme com o seu original, póde correr. Lisboa 8. de Janeiro de 1743.

Fr. R. Alancastro. Teixeira. Sylva. Soares. Abreu. Amaral.

PO'de correr. Lisboa 9. de Janeiro de 1743.

Dantas.

QUe possa correr, e taxaõ em 240. reis. Lisboa 10. de Janeiro de 1743.

Pereira. Teixeira.

ADVER-

ADVERTENCIA necessaria a quem ler.

LEITOR: sahe à luz o Elogio de D. Francisco Xavier Mascarenhas, e sahe certamente sem aquelle temor, que nos seus prologos daõ a ler muitos Escritores; porque se fores pio, estou seguro, que has de disfarçar as muitas imperfeiçoens, que nelle se encontraõ, nascidas assim dos meus poucos annos, como de ser a primeira composiçaõ, com que na lingua materna appareço em publico. O motivo, que te ha de obrigar a este piedoso disfarce he a consideraçaõ do beneficio, que fiz à Patria, ou seja porque com este Elogio dou à ler a todo o genero de pessoas huma rarissima, e perfeita idéa para se adornarem das mayores virtudes, ou

§§§§ por-

porque a desaggravo da commua nota de esquecida em fazer publicas as recomendaveis acçoens de seus benemeritos filhos. Se fores malevolo (nesta parte fallo com muitos) sabe que tenho hum animo taõ socegado, que hey de ouvir a tua critica, ou invejosa, ou ignorante com o mesmo socego, que tivera, se ouvira louvores. Sempre nestas occasioens me lembra o desprezo da Lua contra aquelle caõ, que muitas vezes irracional a pertendia com os seus latidos offender. Porèm naõ he este o motivo, que me fez pegar na penna para te fazer esta advertencia; he sim para te informar, quem foraõ as pessoas, que me deraõ as noticias, que organizaõ o corpo deste Elogio, para que se fores pio, conheças o zelo, com que quizeraõ servir à Patria perpetuando as grandes acçoens deste Cavalhe-

ro;

ro; e ſe entrares no ſempre aborrecido numero dos malevolos, e a caſo duvidares da verdade, com que eſcrevo, poſſas buſcar as ditas peſſoas para igualmente te certificares, e confundires. Primeiramente os que me deraõ noticias dos virtuoſos progreſſos da puericia de Dom Franciſco Maſcarenhas foraõ Joaõ de Loureiro, e Joaõ Eſteves aſſiſtentes em Santarem, peſſoas de conhecida verdade, e em outro tempo criados graves da Caza de Fronteira. O Reverendo Doutor Antonio Duarte de Sequeira, Sacerdote adornado de todas as virtudes dignas do ſeu caracter me comunicou as noticias, no que reſpeita aos muitos actos de virtude, dos quaes foy teſtemunha de viſta pela grande familiaridade, com que pelo dilatado eſpaço de vinte e cinco annos tratou a eſte Cavalhero. Se-

 baſtiaõ

baſtiaõ Alvares de Andrade, Sargento mór do Regimento, de que Dom Franciſco Maſcarenhas foy Coronel, peſſoa acredora de toda a veneraçaõ, ou ſe attenda à ſua verdade, ou aos ſeus merecimentos, concorreo com tudo o que pertence à milicia, e caridade, que uſava com os Soldados, que elle muitas vezes preſenciou. A huma carta do Padre Alexandre Cabral da Companhia de JESUS devo algumas noticias, do que obrou na viagem para a India, para onde tambem hia eſte meſmo Religioſo. Outras peſſoas fidedignas, que naquella occaſiaõ foraõ na meſma náo, depuzeraõ como teſtemunhas de viſta as acçoens, que refiro tratando da viagem. Ao Padre Joaõ Antunes, Religioſo da Companhia de JESUS, que ultimamente veyo de Goa, e agora vay para Procurador Geral na Curia Romana devem

vem eſtas memorias particular obrigaçaõ, pois me cõmunicou tudo, o que pertence à India, e à expulſaõ do inimigo: eſtas meſmas noticias ſem diſcrepancia alguma ouvi das bocas de algumas peſſoas, e li em cartas de outras, que juntamente ſe acharaõ naquella acçaõ. Ultimamente quanto refiro da ſua doença, e morte, copiey fielmente de duas cartas, que eſcreveo de Goa, huma à Condeſſa de S. Tiago, outra a ſua filha D. Maria Iſabel de Menezes, o Padre Jacinto Simoens da Companhia de JESUS, que lhe aſſiſtio em todo aquelle tempo, cujas cartas, como as mais das noticias, devo ao referido Padre Antonio Duarte de Sequeira, que com diligencia inceſſante ſe tem moſtrado o mais empenhado para a publicaçaõ deſta obra. Eſtas ſaõ as peſſoas, que zeloſas da Patria, e das vir-

virtudes deraõ os fundamentos para ſe levantar à glorioſa memoria de D. Franciſco Xavier Maſcarenhas eſte perduravel Templo; zelo que deves agradecer, como eu, com hum agradecimento taõ neceſſario, como merecido.

Vale.

PRO-

PROTESTAÇAÕ

TUdo quanto efcrevemos nefte papel fojeitamos humildemente à cenfura da Santa Madre Igreja Romana, como filho obediente.

ELOGIO
DE
D. FRANCISCO XAVIER MASCARENHAS.

QUE justificadas saõ as queixas, que fazemos da morte, quando barbaramente se conspira contra aquellas grandes Almas, a quem as raras acçoens deraõ entrada no Templo da immortalidade gloriosa! Estes Varoens eminentes, e naõ aquelles homens, que só deixaraõ de huma vida sem nome dilatada materia para o esquecimento, he que unicamente saõ dignos de lagrimas queixosas. Naõ devem ser chorados aquelles, que sempre se occuparaõ em servir à ocio-

ſidade, porque a meſma campa, que lhes eſconde o corpo, primeiro lhes ſepulta a memoria; ſó aquelles Varoens, a quem o exercicio das acçoens glorioſas fez diſtintos no mundo, ſaõ merecedores do publico ſentimento, porque a ſua morte he fatal origem de huma perda commua. Eſte golpe he de tal modo penetrante, que nem a Filoſofia Eſtoica achou balſamo, nem o inceſſante gyro dos ſeculos deſcobrio remedio para o curar; antes quanto mais eſtes inſenſivelmente paſſaõ, mais ſe aggrava eſta ferida: como toda a cauſa de taõ grande mal vem da Fama, tem della a meſma propriedade; eſte monſtro, quanto mais vôa, mais forças adquire. Sempre Portugal foy o Reyno, a quem penetráraõ mais vivamente eſtes golpes, porque ſempre foy o Teatro mais veneravel daquelles Heroes, que naõ ſey, ſe ainda imaginados poderiaõ ſer mayores. Naõ he precizo nomeallos, porque entre nós os conta a veneraçaõ, entre os eſtranhos a inveja. Novamente experimentou eſta ſenſivel fatalidade, quando

em

em 10. de Julho de 1742. recebeo a infaufta noticia, de que em o Eftado da India roubára a inveja da morte na peffoa de D. Francifco Xavier Mafcarenhas ao feu refpeito o Soldado mais benemerito, à virtude o exemplar mais perfeito, e à fua nobiliffima Familia o Mafcarenhas mais illuftre. Defte grande Varaõ digno de larga efcritura efcreverey hum breve Elogio, que fervirá a Portugal de perduravel incentivo para chorar com agradecidas lagrimas a perda de taõ benemerito filho, que poffuío todas aquellas virtudes, que póde chegar a inventar a mais defordenada lizonja.

Da Illuftriffima Caza dos Marquezes da Fronteira, Condes da Torre foy D. Francifco Xavier Mafcarenhas gloriofo defcendente. He efta Familia de taõ calificada ancianidade na veneraçaõ Genealogica, que todos os feculos da Monarchia Portugueza faõ livros fucceffivos da fua nobreza; pois jà no tempo de El-Rey D. Sancho I. de Portugal era fenhor do lugar de Mafcarenhas na Provincia da

Beira Eſtevaõ Rodrigues, hum dos principaes Cavalheros, que acompanhando ao dito Rey nas conquiſtas contra os Mouros, principalmente na famoſa tomada de Elvas, e Torres-novas, fez com a gloria de valeroſo mais reſpeitada a ſua Nobreza.

Logra eſta Caza a Varonía de Maſcarenhas por deſcender legitimamente de D. Manoel Maſcarenhas, Commendador, e Senhor do Roſmaninhal, e Governador de Arſilla em Africa, onde deixou com a vida honroſa memoria, filho quarto de D. Fernaõ Martins Maſcarenhas, Capitaõ dos Ginetes dos Senhores Reys D. Joaõ II. e de D. Manoel; e de ſua mulher D. Violante Henriques. Cazou D. Manoel Maſcarenhas com D. Leonor Henriques, Senhora da Gocherîa, e Torre, filha de Franciſco Palha, Fidalgo da Caza del-Rey D. Joaõ III. Alcaide mór da Fronteira, e de ſua mulher D. Maria de Souſa. Naſceo deſte matrimonio

D. Fernaõ Maſcarenhas, Commendador do Roſmaninhal, o qual ſeguindo a mi-

a milicia morreo valeroſamente em Africa, e cazou com D. Filippa da Sylva, filha de D. Gileanes da Coſta, Védor da Fazenda, e do Conſelho de Eſtado; e de ſua mulher D. Joanna da Sylva. Naſceo deſta uniaõ

D. Manoel Maſcarenhas, Commendador do Roſmaninhal, Governador, e Capitaõ General da Praça de Mazagaõ, o qual cazou com D. Franciſca de Atayde, filha de D. Nuno Manoel, Senhor da Atalaya, e Tancos; Familia taõ illuſtre, que ſeria reprehenſivel cobiça deſejar mayor nobreza. Deſte matrimonio naſceo

D. Fernando Maſcarenhas, Commendador de Fonte Arcada, e Roſmaninhal, Senhor da Gocherìa, e primeiro Conde da Torre, Varaõ naſcido para os primeiros lugares do Reyno, porque foy Governador de Tanger, e Ceuta, General de mar, e terra das Armadas de Portugal, e Caſtella na infeliz expediçaõ para a guerra de Pernambuco, Conſelheiro de Eſtado, e Guerra do Senhor Rey D. Joaõ IV.

Pre-

Preſidente do Senado da Camara, e Reformador das Fronteiras. Cazou eſte Fidalgo com D. Maria de Noronha, filha de D. Luiz Lobo da Sylveira, Senhor das Sarzedas, e de D. Joanna de Lima; Caza, que póde ſaciar aos hydropicos da mayor Fidalguia. Deſta ſagrada uniaõ naſceo

D. Manoel Maſcarenhas, que naõ ſuccedeo na Caza por deixar glorioſamente a vida na guerra. Eſta cauſa chamou para a ſucceſſaõ ao ſegundo filho

D. Joaõ Maſcarenhas, ſegundo Conde da Torre, e primeiro Marquez de Fronteira, Commendador do Roſmaninhal, &c. Herdou eſte Cavalhero com o Morgado as virtudes, e lugares de ſeu Pay, porque foy Meſtre de Campo General da Provincia do Minho, General da Cavallaria na do Alemtejo, poſto que occupou na Campanha de 1662. Aſſiſtio tambem na famoſa batalha do Canal em o anno de 1663. governando huma das Linhas do exercito. Na de Montes Claros occupou o poſto de Meſtre de Campo

po General da Corte, e Provincia da Extremadura, deſempenhando em todos os empregos com ſciencia, e valor militar a gloria de ſeu apellido. O Senhor Rey D. Pedro II. ſendo ainda Principe Regente, o nomeou ſeu Gentil-homem da Camara, e Conſelheiro de Eſtado, e Guerra: ultimamente depois de viuvo foy Graõ Prior do Crato, lugar, que dá inteiramente a conhecer a diſtinta grandeza dos ſeus merecimentos. Unio o matrimonio a eſte Cavalhero com D. Magdalena de Caſtro, Senhora, em quem concorria para a fazer illuſtre o ſangue de duas Cazas taõ antigas, que jà eraõ reſpeitadas como adultas na infancia deſta Monarchia, pois era filha de Franciſco de Sà, e Menezes, terceiro Conde de Penaguiaõ e da Condeſſa D. Joanna de Caſtro. Deſte vinculo teve a

D. Fernando Maſcarenhas, ſegundo Marquez da Fronteira, e terceiro Conde da Torre, Senhor do Morgado da Gocherîa, Commendador do Roſmaninhal, &c. Foy eſte Cavalhero em Portugal,

aſſim

aſſim na eſpada como na penna o grande Ceſar Romano, ou hum daquelles illuſtres homens, que os ſeculos raras vezes produzem ſemelhantes, ou ſeja por difficuldade, ou veneraçaõ. Os ſeus altos merecimentos lhe fizeraõ occupar os grandes poſtos de Governador, e Capitaõ General do Reyno do Algarve, Meſtre de Campo General, e Governador das armas das Provincias da Beira, e Alemtejo, de Conſelheiro de Eſtado, e Guerra del-Rey N. Senhor, Védor da ſua Real Fazenda, Preſidente do Paço, Mordomo mór da Raínha, e ultimamente de Cenſor da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, que a doutiſſima providencia de Sua Mageſtade inſtituio para deſaggravo da Patria, caſtigo do eſquecimento. Caſou eſte grande Varaõ com D. Joanna Leonor de Toledo e Menezes, Senhora, que pelas ſuas virtudes merecia com juſtiça ſe riſcaſſem das Hiſtorias os nomes das Heroinas. Era filha de D. Jeronymo de Atayde, ſexto Conde de Atougia, e da Condeſſa D. Leonor de Menezes, Cavalheros,

ros, que para ſerem os mais illuſtres, nem neceſſitaõ da piedade, nem da juſtiça dos Genealogicos. Naſceraõ deſte matrimonio D. Joaõ Maſcarenhas, que herdou com o Morgado todos os titulos da ſua Caza; D. Leonor Maſcarenhas de Menezes cazada com Aleixo de Souſa da Sylva e Menezes, ſegundo Conde de S. Tiago, Apozentador mór, e D. Magdalena Maſcarenhas de Menezes, que profeſſou a vida Religioſa em o Convento do Sacramento de Lisboa. Acometteo neſte tempo à Marqueza huma grave enfermidade, da qual procedeo ficar infecunda. Pelo dilatado eſpaço de ſete annos experimentou o talamo eſta diſgraça, que fazia ſer mais ſenſivel a conſideraçaõ da decadencia da Caza pelos grandes achaques do Primogenito, que o faziaõ inhabil para tomar eſtado. Depois de taõ larga infecundidade inſpirou à Marqueza a ſua devoçaõ a buſcar o patrocinio de S. Franciſco Xavier, o que fez com ardentes deprecaçoens, pedindo-lhe ſe lembraſſe da ſua Caza, dando-lhe ſegundo ſucceſſor. Ouvio o San-

to eſtas ſupplicas, e attendendo tanto a ellas, como à grande obrigaçaõ, que devia a eſta Familia, por ſer hum Maſcarenhas o inſtrumento de curar o ſeu eſpirito no Oriente a tantas almas do veneno do Alcoraõ, e idolatria com a medicina Evangelica, lhe deo logo hum filho, que foy D. Franciſco Xavier Maſcarenhas ſaudoſo, e heroico aſſumpto deſte Elogio. Para moſtrar eſte admiravel Santo ao mundo a grandeza do ſeu agradecimento fez ao depois feliciſſimo o matrimonio com hum glorioſo numero de filhos, como foraõ D. Antonio Maſcarenhas, Porcioniſta do Collegio Real de S. Paulo, e Conego na Primacial de Braga, o qual deixando a vida Eccleſiaſtica pela militar foy Capitaõ de Infantaria; D. Luiz Maſcarenhas tambem Porcioniſta do meſmo Collegio, que abraçando com o exemplo de ſeu Irmaõ a milicia, foy Capitaõ de Cavallos na Provincia de Alemtejo, e he actualmente Governador da Capitanía de S. Paulo; D. Jozè, e D. Jeronymo Maſcarenhas, que falecêraõ de tenra idade;

D.

D. Maria Maſcarenhas de Menezes, hoje digniſſima Abbadeſſa do Convento de Santa Clara de Santarem; D. Iſabel Maſcarenhas de Menezes, Religioſa do Sacramento de Lisboa; D. Luiza, e D. Thereza, que morrêraõ meninas; D. Innocencia, e D. Antonia Maſcarenhas de Menezes, Religioſas da Eſperança de Liſboa, filhos todos, em quem ſeus illuſtres Pays viraõ glorioſamente reproduzidas as ſuas altas virtudes.

Vio D. Franciſco Maſcarenhas a luz do mundo aos 11. de Agoſto de 1689. em a inſigne Villa de Santarem, onde a ſua Caza poſſue dilatadas fazendas. Se eſta notavel Villa fecunda Mãy de Varoens eminentes naõ tiveſſe logrado outras glorias, que lhe fazem recomendavel o nome, eſta ſó lhe baſtava para coroa. Foy eſte naſcimento geralmente applaudido, porque todos ſe intereſſavaõ na felicidade; os pobres como obrigados às eſmolas, os mais à affabilidade deſtes Cavalheros. Diſtinguiraõ-ſe neſte applauſo os Conventos, e Freguesias, porque publi-

carão a sua alegria pelos repiques dos sinos; cousa que naquelle tempo foy ouvida como atenção, agora talvez será lida como mysterio.

Se a observação Astrologica fosse neste nascimento ouvida conseguiria hum acerto para credito da sua falibilidade. Vaticinarîa, que aquelle menino havia ser unico, e singular nos progressos da sua vida, porque nascêra em hum dia, a quem a especulação Astronomica dá os titulos de unico, (1) e singular pelas novidades, que no curso das suas horas se descobrem nos Ceos. Affirmaría com acerto, que nascer em hum mez dedicado a Ceres, (2) e em hum dia consagrado a Hercules, era argumento, de que na mayor idade havia ser no valor para a Patria imagem deste Numen, na providencia para os pobres retrato daquella Deuza.

Aos 5. de Setembro com o nome de Francisco Xavier (pio agradecimento ao beneficio recebido) foy purificado da culpa original, e com misterioso acerto, porque

(1) Sulpitius in Astrolabio n. 117.
(2) Polus in mense Augusti.

que em o meſmo mez na opiniaõ de muitos (1) a contrahio para todos os ſeus filhos aquella primeira Mãy taõ credula, como deſobediente. Em a Parochia do Salvador da dita Villa ſe fez eſte ſagrado acto, ſendo delle Miniſtro o Padre Domingos Ferreira, Reitor do Collegio, que a Companhia de JESUS alli tem, e Padrinho o grande D. Joaõ de Almeida, a quem a rectidaõ fez ao depois Conde de Aſſumar.

Entrou logo a doutrina de ſeus prudentiſſimos Pays a inſtruir a infancia de D. Franciſco com particular educaçaõ, para que em toda a idade pelo exercicio das virtudes humas vezes fizeſſe lembrar, outras eſquecer aquellas virtuoſas acçoẽs, que como raro morgado deixáraõ ſeus illuſtres aſcendentes.

Deſtes principios he que dependem todos os progreſſos do homem. Se a tenra idade ſe naõ domina com huma educaçaõ vigilante, fica o parto, naſcendo perfeito, monſtruoſo. A terra ſe da maõ do agricultor naõ he cultivada, ſó produz hum aſpe-

(1) Vide Polum in menſe Septembris,

aſpero enredo de eſpinhos; a planta ſe de pequena cuidadoſamente a naõ trataõ, degenêra da ſua eſpecie. Eſta he a poderoſa força do enſino, e a principal razaõ, porque muitos, a quem hum accidente fez grandes, injuriaõ com as ſuas acçoens a eterna memoria de ſeus mayores, e os que pela ſua humilde condiçaõ naſcêraõ das fézes da Républica deixaõ de huma vida illuſtre, immortal nome. Eſta verdade humas vezes com admiraçaõ, outras com horror nos confirmaõ as illuſtres acçoens de hum Cicero humilde, e as vís aleivozias de hum nobiliſſimo Catilina, os merecimentos de hum Socrates taõ plebêo, e os vicios de hum Critias taõ fidalgo. Eſcuſado era valermo-nos de taõ remota antiguidade; ſempre o mundo em todos os ſeculos foy liberal deſtes exemplos.

Taõ altamente conheciaõ eſta verdade os Marquezes da Fronteira, que applicavaõ todas as forças, para que D. Franciſco Maſcarenhas, como todos os mais filhos, primeiro foſſe conhecido illuſtre pelas acçoens, que pelo ſangue.

Eraõ

Eraõ os primeiros entre os poucos, que ſabiaõ, que toda a agigantada figura da nobreza do ſangue he, quando muito, a ſombra que faz o corpo da nobreza das virtudes. Conſeguiraõ logo deſta cuidadoſa educaçaõ hum taõ admiravel effeito, que parecia D. Franciſco na flor da ſua idade jà verdadeiro Varaõ, ſe ſe contaſſem os annos pelas virtudes. Só eſtes por poucos mereciaõ o nome de puerîs, porque ſempre ſe admiravaõ nelle effeitos de idade alheya. Igualmente com os annos creſciaõ as virtudes, porque a eſtes nunca levemente mancháraõ aquellas commuas inclinaçoens, que affeaõ a mocidade; capacitava-ſe a admiraçaõ, que eſtes antecipados progreſſos mais pareciaõ effeitos da natureza, que do enſino. Naõ ſaõ eſtas expreſſoens hyperboles, de que para ſervir à lizonja coſtumaõ ſer muy liberaes os elogios, ſaõ verdades, que teſtificaõ os virtuoſos exercicios, em que occupava eſta idade, admiravel exemplar da mais provecta. Diga-o a frequencia, com que buſcava os Sacramentos

mentos da Penitencia , e Euchariſtia , a Oraçaõ mental , com que a penas contando 10. annos eſpiritualmente ſe elevava , gaſtando neſte exercicio taõ dilatado tempo , que muitas vezes os criados o levavaõ pela madrugada com violencia para a cama , na qual ſe naõ deitava , ſem primeiro ſe abraçar muitas vezes com a crucificada Imagem do noſſo Redemptor , a cujos pès tributava devotas lagrimas , prodigioſo effeito do fogo do ſeu amor. Publique-o a diſciplina , com que em muitos dias caſtigava a innocencia do ſeu corpo , o auſtero jejum , com que ſe mortificava em certos tempos, que a ſua devoçaõ pedia , couſas , que ſe faziaõ admiraveis , porque a ellas coſtuma naturalmente repugnar o mimoſo trato de ſemelhantes peſſoas. Digaõ-no as eſmolas , com que remediava aos pobres , pedindo para eſta acçaõ dinheiro a ſeus Pays com o fingido pretexto de comprar aquellas couſas , de que os poucos annos para divertimento ſe coſtumaõ agradar. Imitava neſta virtude muy particularmen-

te

te a ſeus Pays, pois delles ſe ſabe, que davaõ todos os annos aos pobres a primeira producçaõ de grande parte das novidades, que naſciaõ nas ſuas terras, e que todos os dias ſe viaõ em Santarem à porta do ſeu Palacio tantos neceſſitados, que ſó a ſua piedade os podia pelas eſmolas contar. Eſquecerme-hey da ſingular devoçaõ, que tinha às milagroſiſſimas Imagens de Santarem, viſitando-as indiſpenſavelmente todos os dias com oraçaõ naõ menos dilatada, que devota. Callarey a exemplar obediencia a ſeus Pays, porque todos ſabem, que ſem eſta baze naõ poderia ſuſtentar o edificio das virtudes: ſó direy em beneficio da ſua obediencia, como couſa naõ commua à natural altiveza de peſſoas da ſua esféra, que todos os dias beijava de joelhos a maõ ao Meſtre, que o enſinou a ler, e eſcrever: naõ ſey ſe eſta acçaõ era effeito da natural obediencia do filho, ſe do preceito dos Pays; huma, ou outra couſa que foſſe, he raro argumento das ſuas antecipadas virtudes. O tempo, que lhe

 reſ-

reſtava deſtes exercicios occupava em divertimentos taõ proprios do ſeu genio, como do ſeu ſangue. Eraõ eſtes executar muitos daquelles movimentos, que ſervem à milicia, fingindo-ſe igualmente Soldado, e Capitaõ com tal deſtreza, que mais parecia eſtudo, que brinco. Jà neſte tempo claramente moſtrava quanto as armas lhe dominavaõ o animo, dando occaſiaõ, a que todos lhe vaticinaſſem, que as havia ſeguir, principalmente ſua Mãy, que lhe coſtumava chamar *o ſeu Soldado Santo*, nome, que ſe deve entender lhe inſpirára mais o amor de Mãy pela parte das virtudes, que pela da natureza.

Recolheraõ-ſe ſeus Pays a Lisboa, e logo o Senhor Rey D. Pedro II. deo a D. Franciſco huma penſaõ de cem mil reis na Mitra de Coimbra; mercè que podendo merecella as virtudes do filho, foy em attençaõ aos merecimentos do Pay. Jà neſte tempo ſe achava D. Franciſco com idade de entrar a poſſuir o morgado das Letras, que lhe tocava como fi-

lho

lho ſegundo de Fidalgos Portuguezes; porèm deo logo ſinaes, que o dominava hum eſpirito bellicoſo, que naõ podia ſojeitar às letras, porque hindo ſeu Pay para a Campanha lhe pedio com mais valor, que idade, que lhe aſſentaſſe praça de Soldado para o poder acompanhar; acçaõ que o Pay naõ effeituou como ſábio, louvando-a como valeroſo. Cuidou logo em lhe dar hum Meſtre, que enſinando-lhe as letras, o déſſe mais claramente a conhecer por ſeu filho, o que achou em o Padre D. Celeſtino Siguineau huma das doutiſſimas colunas, que ſuſtentaõ o Templo da Sabedoria Teatina.

Entrou eſte grande Meſtre a inſtruir a D. Franciſco nos elementos da latinidade, porèm como a ſua natural inclinaçaõ mais o levava a ouvir as liçoens de Marte, que as de Minerva, fazia neſtes eſtudos os progreſſos, que hum eſpirito violentado coſtuma fazer; porèm ao depois conſiderando, que a ſua applicaçaõ naõ lizonjeava a vontade de ſeu Pay ſe ſacrificou todo à obediencia, e principiou

novamente a ouvir as liçoens da Grammatica com particular diſvelo, e como o inſpirava huma virtude, em breve tempo deo louvaveis provas da ſua applicaçaõ, porque entendia aquelles exemplares da antiguidade, que ainda hoje na Europa conſervaõ os nomes de Oraculos, que merecêraõ em Roma. Jà neſte tempo a ſua applicaçaõ mais ſe dedicava ao genio, que à obediencia, porque encontrava neſtes authores liçoens marciaes, que aprender, exemplares a quem ſeguir. Lia em Curſio as ſingulares acçoens daquelle Heroe dos conquiſtadores, a quem a deſigualdade dos noſſos ſeculos tem feito fabula do Heroiſmo. Ponderava em Livio as militares proezas daquella paleſtra do valor, a Républica Romana, na qual as idades poſteriores raras vezes aprendêraõ; diſcorria em Saluſtio ſobre a guerra Jugurtina, em Virgilio ſobre as armas de Eneas, e tanto goſto lhe cauſava ler em huns os heroicos feitos de Capitães illuſtres, em outros a diſcripçaõ de tudo o que o valor, ou a induſ-

tria

tria uſara para conſeguir a victoria, que foy eſte divertimento a porta, por onde lhe entrou hum louvavel conhecimento da lingua Latina: ſervia engenhoſamente a Marte, lizonjeando a Minerva.

Deſembaraçado deſtes eſtudos o levou comſigo para Braga o Arcebiſpo D. Rodrigo de Moura Telles, que lhe eſtimava de tal modo as virtudes, como ſe jà ſoubeſſe todas aquellas, que ao depois o fizeraõ taõ venerado. Em ſinal da ſua eſtimaçaõ lhe deo logo em huma das Conezias da Sé huma penſaõ de 80. mil reis, e paſſados tempos empenhou a ſua authoridade, para que Franciſco de Mello renunciaſſe nelle o ſeu grande Beneficio de Theſoureiro mór da Sè da Guarda, o que conſeguio, e em breve tempo o desfrutou todo D. Franciſco por morrer o renunciante. Em o Collegio da Companhia de JESUS daquella Cidade eſtudou Filoſofia com aquella applicaçaõ, que pede a difficuldade de ſemelhante eſtudo.

A penas o acabou, como ſeus Pays o deſtinavaõ para a vida Eccleſiaſtica, lo-

go o mandaraõ a Coimbra acompanhado do Doutor o Padre Antonio Duarte de Sequeira, a quem tambem deveo particulares liçoens da lingua Latina, em que he ſummamente inſtruido. Era naquelle tempo Reytor da Univerſidade hum illuſtre Maſcarenhas; o Reverendiſſimo Fr. Gaſpar da Encarnaçaõ, que entaõ ſe reſpeitava ſábio, hoje ſe venera Religioſo. Teve logo a mercê de Porcioniſta daquelle Templo da Encyclopedia, o Collegio Real de S. Paulo por Proviſaõ de 11. de Agoſto de 1711. Foy provido em 6. e tomou com o juramento a poſſe em 8. de Novembro, ſendo Reytor Antonio de Andrada Rego, Lente Jubilado na Cadeira de Decreto, Conego Doutoral na Sè do Algarve, do Conſelho de S. Mageſtade, e do da ſua Real Fazenda, Deputado das Juntas, e Eſtados das Sereniſſimas Cazas de Bragança, e Infantado, e Academico do numero da Ademia Real da Hiſtoria Portugueza, peſſoa, a quem adornaõ taes merecimentos, que ainda ſaõ mayores, que os grandes

em-

empregos, que occupa.

Neſte Real Collegio principiou a eſtudar a doutrina dos Sagrados Canones, preferindo eſte eſtudo ao Theologico, que podêra ſeguir com o exemplo dos do ſeu ſangue, como foraõ D. Antonio Maſcarenhas, Collegial do meſmo Collegio, e inſigne Theologo, Deaõ, que foy da Capella Real, Cõmiſſario Geral da Bulla da Cruzada, e Governador do Crato; D. Fernando Martins Maſcarenhas Porcioniſta, e Doutor na meſma Faculdade, Biſpo do Algarve, de Coimbra, eleito de Lisboa, e Inquiſidor Géral; D. Antonio Maſcarenhas, a quem eſte Real Collegio venerou Oraculo deſta Sagrada Sciencia, e outros Cavalheros deſte apellido, Varoens todos, cujos nomes ſe naõ podem pronunciar ſem mágoa, menos ſem veneraçaõ. Entrou D. Franciſco Maſcarenhas a eſtudar com áquella applicaçaõ, que pedia huma Faculdade taõ diffuſa, que nos mayores talentos parece ouzadia emprendella, milagre deſempenhalla. Era neſte eſtudo taõ inceſſante, que roubava

para

para elle ao corpo as horas do deſcanço; e muitas vezes para ficar pela madrugada mais habil, dormia veſtido. Era couſa nelle muy commua verem-no com livro deſta Faculdade, humas vezes eſtudando, outras perguntando a intelligencia de algum texto, violentando deſte modo a ſua differente inclinaçaõ, para dar huma admiravel prova da ſua obediencia; era nelle virtude, o que em outros eſpiritos violentados ſeria medo.

Como neſte Real Collegio igualmente com as letras ſe cultivaõ as virtudes, nelle exercitou D. Franciſco Maſcarenhas aquellas meſmas, que ſem eſperarem pelos annos praticára na puericia. Aqui moſtrou o meſmo affecto à Oraçaõ, o meſmo rigor ao cilicio, e diſciplina, a meſma frequencia nos Sacramentos, cujos actos eraõ governados pela doutiſſima direcçaõ do Meſtre Fr. Franciſco da Annunciaçaõ, Eremita de Santo Agoſtinho, Varaõ, a quem as letras, e virtudes fizeraõ digno da Patria, e de tal Religiaõ. Alli deo claros argumentos da ſua caridade,

dade, deſpendendo com os pobres quaſi toda a mezada, que de ſeu Pay recebia: alli moſtrou huma exemplar devoçaõ à Virgem Senhora, jejuando-lhe indiſpenſavelmente todos os Sabbados, com abſtinencia naõ commua, e fazendo-lhe todos os dias dilatadas oraçoens: confiava tanto no poderoſo patrocinio da Senhora, que ainda em todos os ſeus actos ſempre levou comſigo a ſua Santiſſima Imagem para o inſpirar como Mãy da Sabiduria infinita. Jà mais o ouviraõ fallar, menos aſſiſtir naquellas converſaçoens, que enganadamente arraſtraõ a mocidade, vicio que com a vida eſcolaſtica tem particular confiança. O deſprezo que fazia de ſi meſmo era admiraçaõ, podendo ſer exemplo; praticava em taõ alto gráo eſta virtude, que a muitos parecia, que ſe naõ lembrava de quem era; entendo, que nunca ſoube melhor a illuſtre Caza, de que naſcêra, como nas occaſioens, em que praticava a ſua grande humildade; aquelles, a quem a ſorte fez grandes, tem particular obrigaçaõ para ſe fazerem hu-

mildes: a palma, quanto mais ſe eleva, mais ſe vê obrigada a inclinarſe para a terra. De todas eſtas virtudes he aquelle Real Collegio o melhor Panegyriſta, porque fazendo de cada hum de ſeus alumnos outros tantos volumes, nelles publica em animada hiſtoria humas vezes deſvanecidos, outras admirados as ſuas raras virtudes.

Chegou o tempo de fazer os ſeus actos, e em todos moſtrou o quanto eſtudára, diſtinguindo-ſe particularmente nelles, porque defendeo na poſtilla de Nuno da Sylva Telles, Reytor, que havia ſido da Univerſidade, a materia *de Alienatione judicii mutandi cauſâ factâ*, com tal deſembaraço, e ſciencia, que de todos os Meſtres mereceo louvores ſem lizonja à peſſoa, nas boas informaçoens, e anno de mercê, que lhe deraõ, que para ſe alcançar ſó os merecimentos ſaõ padrinhos. Acabada eſta literaria carreira, como ainda os incendios da guerra lhe abrazavaõ o peito, pedio com muita ſojeiçaõ licença a ſeu Pay para ſe deſpedir

do

do Collegio, e ſeguir a milicia, renunciando o ſeu Beneficio da Sè da Guarda. Naõ pode ſeu Pay negarſe à licença, vendo que offendia naõ menos a ſua memoria, que a de ſeus Mayores, ſe difficultaſſe inclinaçaõ taõ antiga, que nem os annos, menos os eſtudos poderaõ deſvanecer. Deſpedio-ſe logo do Collegio, que neſta occaſiaõ pelo ſentimento de todos fez hum ſaudoſo, e digno diſcurſo das ſuas virtudes. Eſta obrigaçaõ taõ vivamente imprimio D. Franciſco na memoria, que a naõ podêraõ riſcar os annos, nem os empregos. Frequentemente viſitava o ſeu Collegio por cartas, dando ſempre o amor, e a obrigaçaõ o aſſumpto para ellas; ſuccedendo em jornada ficarlhe perto Coimbra, ſempre o viſitava, deixando a grandeza do affecto equivocada com a do agradecimento. De todas as mercês, que El-Rey lhe fazia, era a quem primeiro dava parte, para ſatisfazer com huma obediencia à obrigaçaõ de filho, de que tanto ſe deſvanecia. Quando Sua Mageſtade o nomeou Commandante da

Eſquadra, que foy para o Eſtado da India, logo lhe deo parte por huma carta cheya de taõ finas expreſſoens, que bem moſtravaõ ſerem as ultimas.

Renunciado o Beneficio aſſentou praça de Soldado em o Terço do Regimento da Junta, e paſſados poucos mezes o nomeou Sua Mageſtade Capitaõ de Granadeiros, dando altamente a entender na promptidaõ deſta mercè, que a ſemelhantes Soldados ſó os Principes os podem premiar, quando os merecimentos ſaõ poucos, a immortalidade, quando ſaõ muitos. Como D. Franciſco Maſcarenhas ſeguia as armas para repreſentar glorioſamente em ſi as immortaes imagens de ſeus antepaſſados, entrou logo a fazer particular eſtudo em todas as regras da diſciplina militar. Ouvio as difficuldades deſta ſciencia explicadas pela boca de Andrè Ribeiro Coutinho, Governador, que foy do Rio grande, e hoje Meſtre de Campo no de Janeiro, Soldado benemerito da Patria, e de mayores empregos, ou attenda a rectidaõ à ſciencia,

ou

ou aos ſerviços. Para o uſo deſte novo diſcipulo compoz eſte grande Official hum livro intitulado: *O Capitaõ perfeito*, obra, que injuſtamente ſe nega ao publico, porque nella achariaõ os noſſos Soldados huns que admirar, outros que aprender. Era taõ inceſſante a applicaçaõ de D. Franciſco nas liçoens deſte livro, que muitas vezes faltava ao corpo com as horas de deſcanço: atè eſta avareza era nelle virtude. Eſtudava para Heroe, todo elevado no ſerviço da Patria, e da Gloria, ſem attender aos intereſſes, que para ſi lhe podiaõ reſultar deſte eſtudo, ou como couſa impropria à grandeza de ſeu eſpirito, ou à da ſua peſſoa.

Conſeguio deſta applicaçaõ hum conhecimento taõ perfeito da diſciplina militar de noſſo Paiz, que os ſeus mayores profeſſores, podendo concederlhe a preferencia, naõ lhe negavaõ a igualdade. Conhecia D. Franciſco Maſcarenhas, que todos os progreſſos, que neſte eſtudo fizera, eraõ dividas, que às liçoens de Andrè Ribeiro devia, e por naõ incorrer

na

na fea nota de ingrato, vicio que faz no homem o racional violento, praticou com elle taes exceſſos de agradecimento, que paſſou para o Meſtre a obrigaçaõ, ſendo huma, das que merecem mais particular memoria chegar paſſados muitos annos a offerecer a Sua Mageſtade os ſeus proprios ſerviços, como memorial para o deſpacho de ſeu Meſtre; acçaõ que eſte ſingular Monarcha avaliou por taõ heroica, que com o deſpacho, que pedia, lhe fez todas as honras, que permitte a Mageſtade. Naõ ſey ſe os ſeculos ſeraõ capazes de nos referir ſemelhante acçaõ nos Faſtos dos ſeus Heroes, porque ſempre o mundo foy avarento de taes generoſidades. Como huma particular inclinaçaõ à milicia dominava o animo de D. Franciſco Maſcarenhas, naõ ſe contentou com ſaber a diſciplina, que nos ocios da paz pratica eſte Reyno, paſſou a inveſtigar a das Naçoens eſtranhas, a quem as porfiadas guerras tem feito meſtras, comprando para eſte fim os melhores livros Francezes, que trataõ deſta ſciencia.

cia. A's liçoens destes authores se entregou todo, com a applicaçaõ, que outros fariaõ unicamente levados do mayor interesse. O serviço da Patria era só o alvo, a que se encaminhavaõ os seus estudos: dominava particularmente no seu animo a illustre, e rara simpatia, que tem o titulo de Mascarenhas em servir ao seu Soberano com ventagem distincta.

Como o posto de Capitaõ de Granadeiros, que D. Francisco Mascarenhas exercia, faz no mar os seus mayores serviços, passou tambem com igual estudo a instruir-se na arte da Manobra, tendo por Mestre a Joaõ Baptista Rogliano, Capitaõ de Mar, e Guerra, e hum dos mais distintos Officiaes, que serviraõ esta Coroa, porque naõ sendo nacional, sempre na fidelidade, e valor o pareceo. Naõ se esqueceo tambem de saber o modo da construcçaõ das náos, como cousa utilissima aos Officiaes maritimos, porque muitos annos teve em sua Caza a Antonio Rodrigues Fróta, Portuguez que nesta arte nada enveja aos Estrangeiros, o qual o ins-

inſtruío de maneira, que entre os profeſſores era reſpeitada a ſua intelligencia com aquellas veneraçoens, com que ſe trataõ os Meſtres. De tal modo lhe arrebatavaõ o genio eſtes eſtudos, que parecia, que ſó naſcéra para ſe entregar a elles. Como igualmente a ſua inclinaçaõ, e a regularidade da vida lhe faziaõ aborrecer os paſſatempos da Corte, todo o tempo, que lhe reſtava de exercicios eſpirituaes, dedicava a eſtes eſtudos. Sempre o achariaõ occupado, ou revolvendo livros militares, ou exercitando-ſe na máchina de huma náo, que tinha em Caza preparada de tudo o de que ſe compõem as que navegaõ, e em outros muitos engenhos, que ſervem a eſte eſtudo, no que fez conſideravel deſpeza, tudo em beneficio da Patria, a quem deſejava ſervir com tanta perfeiçaõ, como independencia.

Por eſta applicaçaõ inceſſante adquirio da Manobra hum conhecimento taõ perfeito, como ſe vê do Tratado, que della imprimio, recebido com applauſo de todos os profeſſores, huns venerando

o util,

o util, outros admirando o difficil. Compoz desta obra a segunda parte, que intentava imprimir com outros escritos deste genero; porèm a viagem que fez para o Estado da India privou à Républica militar destas composiçoens, que para serem proveitosas só bastava saberse, que eraõ suas. Suavizaria o publico a falta destes escritos, se podesse sómente lograr o livro, que compuzera sobre o modo, com que no mar se deve haver hum Capitaõ em todos os perigos, que padecer a sua náo, livro digno de particular recomendaçaõ na Bibliotheca Lusitana por competir nelle a sciencia com a utilidade. Para evidentemente se saber o profundo conhecimento, que adquirio desta arte, naõ eraõ necessarias as testemunhas dos livros, bastava só dizerse, que o Serenissimo Senhor Infante D. Francisco, que está no Ceo, muitas vezes costumava dizer, que D. Francisco Mascarenhas era hum dos Officiaes, que sabia com perfeiçaõ o exercicio do mar; honra que podéra servir de premio, naõ me-

nos de gloria aos mayores eſtudos por ſer de hum Principe, que na altiſſima intelligencia deſta arte foy ſuperior a todo o elogio. Em attençaõ a taõ diſtinto louvor naõ referiremos o grande conceito, que da ſciencia de D. Franciſco fazia o Almirante Noris, quando veyo a eſte Porto commandando a Eſquadra Ingleza: diſſeramos que muitas vezes o encheo de elogios taõ grandes, como ſinceros, porque como eſtrangeiro, nem os dava por boca da inveja, nem da lizonja. Naõ era a ſua ſciencia ſómente eſpeculativa, tambem era pratica, pelo dilatado tempo, que ſervio no mar, fazendo tres Armadas de Guarda Coſta, e huma viagem ao Braſil em o poſto de Capitaõ; unicos ſerviços, que permitte no mar a ſuaviſſima paz, em que vive eſte Reyno: prendeo eſta ao ſeu valor, ſendo para os ſeus eſpiritos diſgraça, o que para o ſocego publico he fortuna.

Corria o anno de 1729. quando a inveja da morte, querendo que Portugal experimentaſſe huma fatal perda, roubou

bou a vida ao Marquez da Fronteira em 25. de Fevereiro do dito anno; dia ſempre infauſto nas memorias dos Heroes Portuguezes. Penetrou eſta morte taõ vivamente o coraçaõ de ſeu filho Dom Franciſco, e da Marqueza ſua Eſpoſa, que alimentariaõ perpetuamente a ferida, ſe o poderoſo balſamo das virtudes, que ambos poſſuíaõ, a naõ curaſſe. Com eſte triſte motivo deixou a Marqueza ſua Mãy a Corte, e retirou-ſe a Santarem acompanhada de D. Franciſco, a quem pedio, que a naõ deixaſſe em taõ profundo ſentimento; queria ſuavizar com a companhia de hum tal filho a perda de hum tal eſpoſo. Deixou D. Franciſco Maſcarenhas o Real ſerviço pelo da obediencia, aſſiſtindo em Santarem largos tempos, todo entregado àquelles virtuoſos exercicios, que lhe inſpiravaõ naõ menos o exemplo de ſua Mãy, que a ſua inclinaçaõ natural. Ainda naõ eſtava o coraçaõ convalecido do penetrante golpe, que a perda de ſeu Pay lhe fizera, quando a tyrannia da morte lhe raſgou

mais a ferida, roubando de huma penosa enfermidade à Marqueza sua Mãy aquella exemplar vida, a quem sempre domináraõ as virtudes. Qual fosse a grandeza do sentimento, que a D. Francisco causou aquelle fatal tributo, explica-se melhor com o silencio, que com as expressoens mais vivas; naõ cabe nestas relatar dignamente huma dor, que nasceo da desuniaõ de duas almas, que o amor estreitamente unira. Fez esta Senhora hum testamento, que póde ser reputado como elogio das suas virtudes, e nomeou a seu filho D. Francisco por testamenteiro, fiando só delle a prompta execuçaõ da sua ultima vontade. Para lhe deixar hum sinal de seu grande amor, nomeou nelle hum prazo de cento e cincoenta mil reis, querendo que fosse herdeiro dos seus bens, quem jà o era das virtudes. Constava o testamento de grande numero de Legados, que assim pela quantidade, como pela grande distancia das partes para onde eraõ destinados pediaõ dilatado tempo para se cumprirem,

po-

porèm foy tal o zelo, e diligencia de D. Francifco, que em menos de 4. mezes tinha dado total cumprimento a todos.

Pelos annos de 1734. vio-fe entre as Coroas de Portugal, e Caftella defatada aquella uniaõ, que pelos defpoforios fagradamente fizeraõ as mãos de dous Principes, e jà com movimentos, que ameaçavaõ graviffimas confequencias, porque mandou Sua Mageftade guarnecer de confideravel numero de Trópas todas as Praças, e Fronteiras do Reyno. Achava-fe nefta occafiaõ D. Francifco Mafcarenhas ainda em o pofto de Capitaõ de Granadeiros exercitado por largos annos, no qual tambem fazia as obrigaçoens do de Sargento mór, e o nomeou Sua Mageftade em o de Coronel; mercè que a fez mais confideravel naõ haver fido pedida, porque he conftante, que nunca fez a mais leve fupplica para feu augmento; acçaõ que fó a fazem naõ fer fingular outros Heroes defte grande apellido. Com efte novo pofto entrou profundamente a revolver todos os myfterios

da

da milicia com huma applicaçaõ taõ rara, como lhe inſpirava em tal occaſiaõ a grandeza do ſeu zelo. Obſervou atentamente pelos livros a diſciplina militar da Europa, teatro em que propriamente tem eſta ſciencia o ſeu trono. Leo todas as memorias militares daquelles Generaes, que fizeraõ com os ſeus nomes eternos os ſeculos, em que naſceraõ; leo as melhores artes, e exercicios da milicia, e tanto lhe agradáraõ as novidades, que nelles encontrava, que conſeguio praticallas em o ſeu Regimento, entendendo, que ſeriaõ a Portugal taõ uteis, como eraõ às mais Naçoens. Fez outras fórmas de evoluçoens, e exercicios, que foraõ recebidos de muitos com mais emulaçaõ, que applauſo, commum premio, que alcançaõ as novidades, ainda que proveitoſas. Para que os Soldados perfeitamente ſe inſtruiſſem neſta nova fórma, que introduzia, imprimio della hum Tratado, que diſtribuio por elles, no qual facilmente, e por ordem explicava as operaçoens dos exercicios.

Fre-

Frequentiſſimamente os exercitava, e em breve tempo ſahiraõ taõ ſingularmente praticos, que entre todos os da Corte os faziaõ diſtintos os elogios daquelles poucos, que julgaõ ſem paixaõ.

Em o anno de 1735. com a reſoluçaõ de Sua Mageſtade, de que todos os Regimentos da Corte paſſaſſem às partes do Reyno, que lhes eſtavaõ aſſinanadas, paſſou D. Franciſco Maſcarenhas com o ſeu Regimento para a Provincia do Alemtejo, e aquartelou-ſe em a Villa de Monçarás. Mudáraõ logo de ſemblante as differenças deſtas duas Coroas, e paſſados poucos mezes voltou D. Franciſco Maſcarenhas para a Corte. A penas chegou foy encarregado de levantar Soldados na Comarca de Santarem para reclutar o ſeu Regimento, o que fez com tal ſuavidade, que podéra ſervir de exemplo. Como eſte grande Cavalheiro parecia que ſó naſcera para os eſtudos militares, naõ ſe entregou ao deſcanſo, e ocios da Corte, antes entrou novamente a dar outras admiraveis provas da

ſua applicaçaõ, e ſciencia. Naõ ſabe eſte Elogio com evidencia provar eſta verdade; ſó dignamente o poderaõ dizer os profeſſores, a quem naõ dominar a paixaõ. Diraõ que aquelle grande exercicio, que fez na Real Praça do Terreiro do Paço diante das Mageſtades, e dos primeiros Officiaes deſte Reyno, mereceo tanta admiraçaõ, que atè da inveja ouvio louvores. Diraõ que nas celebradas Concluſoens, que defendeo em ſua Caza ſobre quatro principaes pontos da ſciencia militar, moſtrou huma erudiçaõ taõ profunda, que ſe vio eſta ſciencia naquella paleſtra taõ reſpeitada pela lingua, como nas Campanhas pela eſpada. Diraõ, que alli explicára os mais profundos ſegredos da milicia, ficando depois de explicados pela ſua ſciencia com hum novo motivo para ainda ficarem myſterios. Diraõ, que nos continuados exercicios, que fazia ao ſeu Regimento, naõ ſabiaõ ſe primeiro ao zelo, ou à ſciencia deviaõ dedicar a admiraçaõ; finalmente diraõ, que as novidades, que nelles

les introduzia eraõ taes, que todos deſejariaõ ſerem dellas authores, e que eſtas eſtabeleceo mais com a authoridade das razoens, que da peſſoa, como moſtrou em muitos papeis, que compoz, principalmente em huma Apologia, em que reſpondeo a huma obra, que ſe imprimio, defendendo a antiga diſciplina; reſpoſta, que ſe a ſua rara modeſtia permitíra que ſe imprimiſſe, naõ havia ſahir a receber, ſim a dar luz ao publico.

Se D. Franciſco Maſcarenhas ſerviſſe ſómente à Patria, baſtavaõ as noticias, que temos referido para fazer a ſua glorioſa memoria digna de eterno elogio; porèm como igualmente ſervia ao Principe com as armas, e a Deos com as virtudes, relataremos agora eſtas, que deviaõ ſer primeiras, como melhores ſerviços feitos a hum Senhor, que na grandeza do premio faz humildes os mayores merecimentos: a ordem Chronologica, que ſeguimos, nos fez naõ abraçar eſta propriedade. Naõ houve virtude, que eſte Cavalhero perfeitamente naõ praticaſſe na vi-

da militar, que ſeguia; era eſta taõ regulada como ſe naõ viveſſe no ſeculo; parecia hum vivo exemplar do Clauſtro mais Religioſo. Neſta vida he, que dilatou os ramos àquella veneravel arvore das virtudes, que plantára na puericia, chegando eſta a tal creſcimento, que foy neſta Corte unico objecto de aſſombro. A mortificaçaõ do corpo, penitencia, que entre a Jerarchia illuſtre tem poucos, que a ſigaõ, pelas delicias, que lhe offerece a ſua propria grandeza, foy a que praticou D. Franciſco Maſcarenhas com mais particular obſervancia. Tinha determinados dias, em que cingia hum apertado cilicio, e uſava de huma aſpera diſciplina, penitencias, de que ainda em jornadas coſtumava uſar. Muitas, e muitas vezes de huma dura taboa fazia a ſua cama, e para occultar eſta mortificaçaõ deitava-ſe primeiro no leito, que naõ ſe differençava em muito da taboa, em que depois dormia.

Do jejum foy taõ rigoroſo amante, que todas as ſeſtas feiras, e Sabbados do

anno

anno indiſpenſavelmente jejuava, aquellas por devoçaõ a S. Franciſco, de quem era Terceiro, eſtes a Noſſa Senhora, de quem era devotiſſimo, obſervando tal auſteridade, que o jantar em pouco ſe diſtinguia de eſcrupuloſa conſoada. Porèm nunca ſe diviſava nelle com mais rigor eſte prodigioſo ſuſtento do eſpirito, como nas frequentes occaſioens, em que fazia os exercicios eſpirituaes de Santo Ignacio, a quem tinha particular devoçaõ, talvez lembrado da eſtreita amizade, com que eſte Santo tratára a alguns de ſeus aſcendentes, principalmente a D. Pedro Maſcarenhas, que foy ſeu confeſſado, ſendo Embaixador em Roma. Neſte tempo ſuſtentava-ſe unicamente de hervas cozidas ſem mais tempero, que ſal; couſa que ha de cauſar admiraçaõ naõ commua, a quem conſiderar a delicadeza dos manjares, com que coſtumaõ ſer criadas peſſoas de tal grandeza. Naõ era menor a ſua mortificaçaõ em os ſagrados tempos do Advento, e Quareſma, pois ordinariamente ſó comia aquelles ſuſten-

 tos,

tos, que em o goſto tinhaõ pouca aceitaçaõ. Amava finalmente tanto eſta penitencia, que a ſua meza, ainda em dias, em que naõ ſe abſtinha, era taõ parca, que pareceria avareza, a naõ ſe conhecer a ſingular generoſidade de ſeu animo.

Da Oraçaõ mental, unico poderoſo Iman, que eleva a gravidade do corpo à celeſtial communicaçaõ com Deos, foy taõ obſervante, que infallivelmente todos os dias deſtinava largas horas para eſte exercicio. Buſcava muitas vezes para eſte fim como Caza mais propria para a oraçaõ a Igreja das Chagas, e as horas da noute, em que nella naõ houveſſe concurſo, ſó deſejando ſer viſto de Deos, porque naõ conhecia os fingimentos da hypocrizia; màſcara, com que muitos fazem no teatro do mundo igualmente devota, e abominavel repreſentaçaõ. Eſte importantiſſimo exercicio, como todos os mais das ſuas grandes virtudes, foraõ largos annos governados pela doutiſſima prudencia de Fr. Manoel Guilherme, hum dos aſtros de mayor grandeza, que illuſ-

illuſtráraõ neſte ſeculo o Ceo Dominicano. Frequentiſſimamente ſe confeſſava em a Congregaçaõ da Miſſaõ, onde fez exercicios eſpirituaes, deixando das ſuas virtuoſas acçoens ſingular memoria, que deve ſer com diſtincçaõ recomendavel, por ſe conſervar em huma Caza, onde as meſmas taõ altamente ſe praticaõ, como ſe enſinaõ.

Como D. Franciſco Maſcarenhas conhecia, que para ſe ſuſtentar o veneravel edificio das virtudes he a humildade o mais ſólido fundamento, admiravaſe eſta na ſua peſſoa em taõ alto gráo, como quem naõ padecia o contagioſo achaque da altiveza, a que eſtá mais ſojeito o ſangue illuſtre: interiormente aborrecia o ſoberbo vicio daquelles, que para naõ ſerem cortezmente flexiveis com os humildes, ſempre olhaõ para as eſtrellas, parecendo-lhe ſó eſtas digno objecto dos ſeus olhos. Para darmos deſta verdade authenticas teſtemunhas nos deixou D. Franciſco Maſcarenhas caſos ſingulares. Quando pela morte do Marquez

ſeu

ſeu Pay ſe recolheo a Santarem com ſua Mãy, era todas as tardes o ſeu mayor divertimento levar de merendar aos paſtores da ſua Caza, e depois de os inſtruir nos Myſterios da Fé, comer juntamente com elles, honrando neſte abatimento tanto a ſua humildade virtuoſa, como a natural dos outros. Outra rariſſima prova deſta virtude coſtumava dar em Quinta Feira Mayor. Depois de fazer as devoçoens, que pede a grandeza de hum tal dia, buſcava os pobres, a quem os achaques, e a pobreza fizeraõ miſeraveis, e aſquerofos, e levando-os comſigo para Caza lhes lavava os pès mais com abundancia de lagrimas, que de agoa, os quaes ao depois beijava com devotiſſima humildade, e acabado eſte piedoſo acto lhes dava com huma grande eſmola hum cuſtoſo jantar, a que elle ſervia com tanta humiliaçaõ, como quem venerava em caza hum delles a Imagem de Chriſto.

Porèm, o que mais altamente confirma eſta virtude, he o caſo, que lhe ſuccedeo em Bemfica na quinta do Marquez

ſeu

ſeu Pay, com hum pobre muito eſtimado de toda eſta Corte, porque ſabia fazer a difficultoſa liga da Santidade com a pobreza mendicante. Huma noite paſſeando D. Franciſco por huma varanda das Cazas, encontrou nella eſte pobre, que dormia no chaõ; acordou-o, e occultamente o levou para a ſua Camara, dizendo-lhe, que tinha particular goſto, de que ſe deitaſſe no ſeu leito. Recuſou o pobre aſſim por humildade propria, como pela grandeza do offerecimento, reſpondendo, que as pedras, em que eſtava deitado, eraõ a cama, que unicamente convinha à condiçaõ da ſua peſſoa; que de nenhum modo havia conſentir, que o aſqueroſo de ſeu corpo inficionaſſe o leito; que reparaſſe, que para ſe fazer a ſi humilde o queria deixar a elle vaidoſo, vicio, em que devia cahir, ainda naõ ſendo hum mendicante taõ deſpreſivel, e que naõ enſinavaõ as regras da virtude, que eſta ſe praticaſſe com perigoſas conſequencias. Nenhum effeito cauſaraõ eſtas razoens para Dom

Fran-

Franciſco ſe diſſuadir, antes mais vivamente ſe abrazou, vendo que ſe lhe conreſpondia com a meſma humildade, e taõ poderoſos foraõ os ſeus rogos, que cedeo o pobre, naõ querendo como virtuoſo, que perdeſſe aquella virtude hum taõ raro lance, que ao depois com admiraçaõ vio ſubido a gráo heroico, obſervando, que para lhe dar a cama, fizera do chaõ a ſua. Encomendou-lhe ao depois o ſegredo com muitos rogos, dizendo-lhe, que para nenhuma peſſoa ſaber, o que ſe paſſára, atè elle cuidaſſe muito em ſe eſquecer; porèm o pobre parecendo-lhe juſtamente, que taõ grande acçaõ era indigna do ſilencio, a deſcobrio a algumas peſſoas, que ficáraõ taõ admiradas da gratidaõ de hum, como da humildade do outro. A eſte meſmo pobre recolheo ao depois em ſua Caza, onde em outra occaſiaõ lhe fez admirar a meſma acçaõ virtuoſa: tratava-o com tal amor, que o obrigava a publicar as finezas, que lhe devia, acompanhadas de hum grande elogio àquellas virtudes, que ſó elle di-

dizia que as preſenciava, as quaes ſenaõ ignoraſſemos, fariaõ eſte, que eſcrevemos, mais venerado, a ſua memoria mais illuſtre.

Para que a ſua humildade mais altamente ſe elevaſſe na preſença de Deos, onde ſó deſejava ſer grande, em muitas occaſioens ſofreo couſas, que para dellas ſe moſtrar offendido, naõ era preciſo conſiderarſe illuſtre, baſtava conhecerſe homem. Recolhendo-ſe a Lisboa de huma das vezes, que foy à Guarda Coſta, trazia hum homem, que vinha das Ilhas, grande número daquelles paſſaros, que a raridade, e perfeiçaõ da natureza faz ſerem eſtimaveis; intentou comprallos hum ſeu Official ſubalterno, porèm dizendo-lhe o paſſageiro, que lhos naõ podia vender, porque jà o Senhor D. Franciſco Maſcarenhas lhos comprára, teve a ouzadia de os matar em huma noute a todos. Soube D. Franciſco do atrevimento, e quando muitos eſperavaõ, que as forças da natureza venceſſem as da virtude, viraõ com aſſombro, que nem

huma ſó palavra fallára daquella acçaõ. Chegou eſte caſo aos ouvidos do Capitaõ de Mar, e Guerra Joaõ Baptiſta Rogliani, e admirando tanto a grandeza da virtude, como a da offenſa, mandou prender rigoroſamente o Official; porèm D. Franciſco Maſcarenhas, querendo augmentar mais no altar da humildade o ſacrificio, que a Deos offerecéra, empenhou com o Capitaõ a ſua authoridade, para que logo o mandaſſe ſoltar, o que conſeguio, deixando ao complice mais confuſo por eſta rara acçaõ, que experimentára, que pelo eſtranho atrevimento, que commetéra.

Outra prova igualmente ſingular, e ſemelhante à que agora referimos, nos offerece a ſua grande humildade. Pouzando de jornada em huma eſtalagem, movido da ſua natural benignidade quiz fazer ao eſtalagadeiro huma atençaõ: recebeo-a eſte como ruſtico por injuria, e como naõ conheceſſe a diſtincçaõ da peſſoa, que lha fizera, rompeo contra elle em nomes taõ injurioſos, que o menor

del-

delles acharia em outros o ultimo deſpique. Naõ ſe alterou D. Franciſco, antes com virtuoſo disfarce ſofreo tanta injuria. Soube ao depois o homem a qualidade da peſſoa, a quem offendéra, e pedindo-lhe perdaõ lançado a ſeus pés, D. Franciſco Maſcarenhas o tratou com taes demonſtraçoens de agrado, que podéra capacitarſe o ruſtico, que naõ eraõ injurioſas as palavras, com que antes o tratára. Para que no mundo nunca falte o aſſombro, baſtará que ſe conſerve a memoria deſtes dous caſos. Como naõ havia perdoar offenſas, quem muitas vezes foy medianeiro para ſe conciliarem animos, que viviaõ em odio? Eſta virtude nos tràs à memoria alèm de outros caſos hum, que lhe ſuccedeo, que deve ſer para noſſo exemplo taõ ponderavel, como foy para a ſua virtude glorioſo. Achava-ſe em a Quinta da Gocheria, Senhorio da ſua Caza, quando ſoube que alli viviaõ duas peſſoas em odio taõ radicado, que vencia todos os exceſſos da paixaõ. Buſcou-as logo, e com hum

Crucifixo na maõ lhes fez occultamente huma pratica com tal vehemencia de efpirito, que logo convertendo-lhes todo o odio em verdadeira amizade, alcançou como Soldado de Chrifto a mais importante victoria; coufa que occupou de admiraçaõ a todos, confiderando a brevidade, com que confeguíra hum negocio, que peffoas de conhecido efpirito nunca poderaõ alcançar.

Quem poffuia em taõ alto gráo a humildade, naõ podia deixar de ter a obediencia, companheira infeparavel defta virtude. Era D. Francifco Mafcarenhas no refpeito, e obediencia a feus Pays hum fingular efpelho, em que fe podia compôr a mocidade da Corte. A quantas peffoas caufava admiraçaõ verem, que na prefença de feus Pays a penas levantava os olhos, e que nunca fe affentava fem elles lho mandarem, naõ fe valendo da crefcida idade, menos do pofto, que exercia para disfarçar aquella fujeiçaõ, que fó nos poucos annos fe vê? Queria por hum novo modo com a temero-

fa

ſa obediencia de menino acreditar a ſua adulta virtude. De tudo quanto determinava fazer, era a ſeus Pays, a quem primeiro dava parte, e depois de lho approvarem, pedia-lhes licença para o executar. Baſtará dizerſe para credito da ſua obediencia, que vizitando todos os dias a N. Senhora da Piedade na ſua Igreja das Chagas, nunca poz os pés na ſepultura de ſeu Pay, ſendo o contrario quaſi natural por eſtar ſepultado no meyo de huma porta traveſſa daquella Igreja. Por eſte caſo ſe póde perfeitamente conhecer o exceſſo, com que D. Franciſco Maſcarenhas praticava eſta virtude; ainda a hum cadaver conſervava taõ viva obediencia! Como eſta ſe naõ póde dar ſem hum grande amor, amava D. Franciſco taõ extremoſamente a ſeus Pays, que paſſou o ſeu amor alèm da morte, porque frequentiſſimamente viſitava a ſepultura de ſeu Pay, ſobre a qual em continuas oraçoens paſſava muitas horas da noute, humedecendo com ſaudoſas lagrimas aquellas eſtimaveis cinzas, em que ainda

ſe

ſe occultava o fogo do ſeu amor. Com a Marqueza ſua Mãy era igualmente extremoſo; amava-a de tal maneira, que a obrigava, como ſe naõ pediſſe taes exceſſos a razaõ de filho, motivo porque entre os mais Irmãos era elle o primogenito do amor; quando ſe naõ queira dizer, que a viva ſemelhança das virtudes era a cauſa deſta diſtincçaõ. Só parece que faltára à obediencia em huma occaſiaõ, porèm foy para dar admiravel exemplo da ſua virtude. Para a Real Funçaõ dos deſpoſorios do Principe N. Senhor lhe mandou ſeu Pay fazer hum veſtido taõ rico, como pedia a grandeza da ſua peſſoa em acto taõ publico. Em a noute de Natal para aſſiſtir na ſua Capella à Miſſa, veſtio D. Franciſco o veſtido com todos os mais adornos, ſem que antes pediſſe a ſeu Pay licença para aſſim o fazer. Vio-o eſte, e admirado lhe perguntou, como ſem ordem ſua veſtira aquella gala antes do tempo, para que lha mandára fazer? Ao que D. Franciſco reſpirando todo virtude, reſpondeo, que

lhe

lhe parecéra naõ podia haver occaſiaõ mais forçoſa para o veſtir, como em huma noute, em que naſcia hum Senhor, de quem ſaõ Vaſſallos todos os Principes do Mundo; reſpoſta que ao Pay ſervio de gloria, aos mais de aſſumpto, hum vendo-ſe mais illuſtre na producçaõ de tal filho, outros fazendo novos argumentos da grandeza da ſua virtude.

Da inteireza da ſua conſciencia naõ he preciſo fallar, porque todos ſabem, que eſta he a planta, de que ſe fórma o veneravel Templo de todas as virtudes. Podéramos referir a pontualidade, com que pagava, a quem devia, dizendo, que pedindo a hum ſeu amigo conſideravel quantidade de dinheiro, quando ſe recolheo com ſua Mãy a Santarem, para ſatisfazer eſta divida vendéra logo o prazo, que eſta por ſua morte lhe deixára, o que podéra evitar, ou por naõ ſer obrigado como divida da Caza, ou porque das ſuas rendas a podia por partes ſuavemente pagar, e lembrandoſe-lhe por algumas vezes eſtas razoens, ſempre reſpondeo, que

que o ſocego do ſeu animo ſó eſtava na prompta ſatisfaçaõ do que devia. Diriamos, que quando renunciou o ſeu grande Beneficio da Guarda para naõ gravar ainda levemente a ſua conſciencia ſobre a penſaõ, fora peſſoalmente à Guarda no mayor rigor do Inverno, e tirando do Cabido huma ateſtaçaõ do juſto rendimento delle, a mandára a Roma, que à viſta della deffirio, que para ſi tiraſſe ſetecentos e cincoenta mil reis. Poderiamos relatar, que eſtando em Monçarás aquartelado com o ſeu Regimento, e comprando para elle humas vacas pela juſta avaliaçaõ, entrára ao depois a eſcrupulizar, entendendo que vexára o dono naquelle modo de compra, porque as podéra vender por mayor preço, e chegou o eſcrupulo a tal auge, que lhe ſatisfez da ſua bolça tudo, o que faltava para ajuſtar o preço, porque commummente as vendia; ſem atender às uniformes reſoluçoens dos Theologos, que lhe affirmavaõ naõ eſtar obrigado àquelle reſarcimento. Conto eſte caſo como ſingular, por-

porque os eſcrupulos na vida militar andaõ commummente ocioſos.

Tambem involveremos no ſilencio a grande devoçaõ, que nelle ſempre ſe admirou, porque naõ teve virtude, que mais publicamente ſe ſoubeſſe. Naõ referiremos a exemplar edificaçaõ, com que todos os dias ouvia muitas Miſſas, repartindo nellas copioſas eſmolas. Naõ diremos, que ſempre que ouvia horas, rezava particulares oraçoens, ainda que eſtiveſſe com a peſſoa de mayor reſpeito, ou trataſſe o negocio mais importante. Naõ diremos, que quando ſahia de caza, primeiro fazia muitos actos de amor diante de huma Imagem de Chriſto Crucificado; que todas as vezes, que via a Santiſſima Cruz, a adorava com huma reverencia taõ profunda, que de todos era devotamente notada, e que com as veneraveis Imagens dos Santos, e da Virgem Senhora naõ era menos exemplar a ſua reverencia, chegando a inventar em o ſeu Regimento tres evoluçoens para diſtinguir as tres adoraçoens, que aos

fieis prescreve a Igreja. Naõ relataremos a grande devoçaõ, que tinha a muitos Santos, a quem dava annualmente copiosas esmolas, que ainda lhes deixou, quando partio para a India, nem a que sempre professou à Mãy de Deos, particularmente com o titulo da Piedade das Chagas, visitando frequentemente o seu Altar, e recitando com indispensavel devoçaõ todos os dias o seu Officio. Naõ diremos finalmente os extremos, que o seu coraçaõ devoto mostrava em a Igreja do Real Recolhimento das Convertidas desta Corte na Semana Santa, cujo tempo todo gastava em comtemplar aquelle incomprehensivel extremo de amor, a Paixaõ de JESUS Christo. Estes virtuosos exercicios de Dom Francisco Mascarenhas publicaõ com tanta veneraçaõ as lingoas de todos, que escrevellos neste Elogio seria descuido da nossa penna.

Praticando este Cavalhero taõ altamente todas as virtudes, que distinguem hum perfeito Christaõ, nenhuma brilhou nel-

nelle com reſplandores mais vivos, como a Caridade. Foy neſta virtude taõ ſingularmente admiravel, que para fallar dignamente della he o Elogio breve, o meſmo ſuccedera em dilatada hiſtoria. Era ſemelhante ao Sol, de cujas generoſas influencias todos participaõ; parecia hum Oceano, de cujo inexhaurivel ſeyo naſcem todos os rios, que frutificaõ a terra. No exercicio admiravel deſta virtude nunca perdeo dia, porque em todos moſtrava os effeitos da ſua piedade. Tinha peſſoas, a quem encomendava, que em ſabendo de algumas neceſſidades logo o aviſaſſem, e eſta he a cauſa, porque diſtribuía as eſmolas, que dava, por diverſas mãos. Foy verdadeiramente neſta virtude hum raro prodigio da Corte, porque naõ tinha mais detença em favorecer, que aquella, que ſe lhe fazia em pedir. Deſta verdade nos deo em toda a ſua vida piedoſiſſimas provas. Pelo dilatado eſpaço de hum anno aſſiſtio a ſua caridade a huma pobre, favorecida em outro tempo da ſua Caza, a qual pade-

cia hum graviſſimo achaque, pagando promptiſſimamente tudo, o que a Medicina receitava, ou para o ſuſtento, ou para os remedios, como tambem o que pedia a dilatada aſſiſtencia do Medico, e Cirurgiaõ, que ainda hoje admirados publicaõ eſta acçaõ em melhor eſtilo. Os meſmos piedoſos effeitos deſta virtude experimentou outra peſſoa, quando por dilatados mezes padeceo huma graviſſima doença, a qual certamente pelas forças, que criára, a privaria da vida, ſe a generoſa piedade de D. Franciſco lhe naõ valera logo com Medicos, e todos os remedios, que pedia hum mal taõ gravemente adiantado, ſem reparar no grande cuſto, que faziaõ, porque a mais ſe extendiaõ os ſeus piedoſos deſejos. Eſcuſado era deter a penna em referir eſte caſo, porque eſta peſſoa tomou por conta do ſeu agradecimento fazer publica eſta acçaõ. Continuadamente pelo diſcurſo de doze annos deo todos os mezes huma moeda de ouro à honeſta, e neceſſitada familia de hum ſeu amigo, que eſtava auſen-

te,

te, e conſtando-lhe que eſta em huma occaſiaõ ſe via vexada de acrèdores pela quantia de cem mil reis, promptamente lhos mandou, livrando-a, de que lhe ſuccedeſſe o que em taes caſos determinaõ as Leys. Naõ poz aqui termo à ſua piedade para com a neceſſitada caza deſte ſeu amigo; porque ſuccedendo morrerlhe o pay, fez toda a deſpeza do funeral com grandeza digna da ſua amizade, naõ menos da diſtincçaõ do morto. Qual foſſe o ſeu piedoſo coraçaõ, póde teſtificar outro ſeu amigo, que vendo-ſe em huma apertada afflicçaõ, e pedindolhe por empreſtimo naõ pequena quantia de dinheiro, lhe deo com piedade generoſa mais, do que lhe pedia; póde teſtificar outra afflicta peſſoa, à qual D. Franciſco Maſcarenhas mandou trezentos mil rèis, ſem que ella lhos houveſſe pedido, arrebatado ſómente do ardor da caridade por ter ouvido, que ao outro dia lhe haviaõ pôr em praça publica todos os ſeus bens pela referida quantia. Taõ grande era a providencia deſte

Ca

Cavalhero com os neceſſitados, que para lhes valer naõ era preciſo pedirem-lhe, baſtava informarem-no. Eſta meſma virtude podem teſtificar muitas cazas particulares deſta Corte, a quem favorecia com eſmolas copioſas, e frequentes, aſſim para ſe veſtirem, como ſuſtentarem; podem ultimamente publicar muitas donzelas, às quaes para tomarem eſtado, dava naõ pequenos dotes, zeloſo de que naõ chegaſſem a manchar a candida veſtidura da caſtidade. Tanto ſe abrazava nas chammas deſta virtude, que em muitas occaſioens encontrando alguma peſſoa, que a juſtiça conduzia à prizaõ, perguntava pelo crime, e ſabendo que era divida, que por pobre naõ podia pagar, piedoſamente o ſoltava, pagando ao acrédor a quantia. Quem verdadeiramente com expreſſoens mais decentes diſcorre neſta virtude ſaõ quaſi todas as peſſoas neceſſitadas da Freguesia de Santa Catharina de Monte Sinay, publicando, que muitas noutes depois das nove horas hia D. Franciſco Maſcarenhas occultamente

te com hum grande ſaco de paõ, que levava hum criado, e que todo o diſtribuía por ellas, ſegundo a neceſſidade, que via; e que eſta grande eſmola lhes fizera por largos tempos, atè que a commutára em dinheiro, prevendo, que lhes ſeria mais util para a miſeravel economia das ſuas cazas. Que deſcuido (pudéramos dizer injuria) foy naõ ſe gravar na campa da ſua ſepultura o merecido epitheto de *Pay dos pobres*! Para que naõ houveſſe peſſoa, que deixaſſe de experimentar a ſua admiravel compaixaõ, atè ao Reſignatario do ſeu Beneficio da Guarda, que por determinaçaõ Apoſtolica lhe devia pagar ſetecentos e cincoenta mil reis, coſtumava, attendendo ao gaſto, que fizera nas Bullas, perdoar os cincoenta. Naõ parecerá admiravel a relaçaõ deſtes caſos, que referimos, quando ſe ſouber, que de huma ſó vez deo o ſeu coraçaõ compaſſivo hum conto de rèis, para valer à urgente neceſſidade de huma caza, a quem a deſgraça conduzia ao precipicio; acçaõ, que para lhe deixar às idades

des immortal memoria, baſtavalhe naõ haver ſido taõ grande. Se referiſſemos as occaſioens, em que perdoou dividas; as grandes ordinarias, que dava todos os mezes a muitos Conventos, que ainda lhes deixou, quando paſſou ao Eſtado da India; as continuadas eſmolas, que dava ainda àquelles pobres, que tem mais o officio, que a neceſſidade de pedir, e as occaſioens, em que chegou a dar a cama, em que dormia, e os veſtidos, de que uſava, paſſaria eſte breve Elogio a dilatada hiſtoria; baſtará concluir, que jà mais ſe lhe pedio eſmola, que tendo com que valer, naõ deixaſſe a neceſſidade remida, naõ menos admirada, humas vezes da promptidaõ, outras da grandeza.

Deſtes generoſos effeitos da ſua ardentiſſima caridade, logràraõ ſempre os Soldados a melhor parte, como ainda hoje teſtifica o ſeu pranto, naõ menos ſaudoſo, que digno panegyriſta deſta virtude. Publicaõ, que jà mais chegáraõ à ſua preſença neceſſitados, que naõ vieſ-

ſem

ſem remediados; publicaõ, que nas occa-ſioens, em que eſtavaõ doentes, os viſitava muitas vezes, aſſim em ſuas cazas, como em o Hôſpital do Caſtello, remediando-os de algumas couſas, de que a doença neceſſitava, ou a convalecença appetecia, para cujo effeito mandava todos os annos fazer em caza do Marquez ſeu Irmaõ muita variedade de doces, que a Medicina conſente nas doenças; publicaõ, que algumas vezes lhes chegára a mandar a galinha, que por doente mandara fazer para ſi, e que nas occaſioens de Armada compadecido das ſuas doenças para lhes dar a ſua cama, dormira muitas vezes com diſcommodo, em que tanto padecia o trato do ſeu corpo, como a decencia da ſua peſſoa; publicaõ finalmente, que tanto lhes era Capitaõ, como padrinho, porque naõ fazendo em tempo algum requerimento para ſi, era inceſſante nos que fazia para elles, e que a ſua grande diligencia lhes alcançara entre outros deſpachos o ſoldo de mais tres vintens por dia em quanto eſtiveſſem em terra na occaſiaõ de Armada.

Era verdadeiramente couza digna de particular admiraçaõ, e hoje de perduravel memoria o elevado grào com que praticava com os ſeus Soldados eſta Princeza das virtudes. Recolhendo-ſe em huma noute para caza, chegou à ſua carruagem hum ſeu Soldado pedindo-lhe eſmolla para comprar huns çapatos; cazualmente naõ trazia comſigo eſte piedoſo coraçaõ dinheiro, com que podeſſe remediar aquella neceſſidade, e principiando a diſcorrer no modo de naõ perder a occaſiaõ de acodir a hum pobre, que àlem da circunſtancia de proximo, tinha a de companheiro, reſolveo taõ apertado lance mais em beneficio da piedade, que da decencia; deſcalçou os ſeus proprios çapatos, e deo-lhos, deixando-o naõ ſey ſe mais admirado da caridade, ſe do abatimento.

Eſte meſmo lance da mayor caridade experimentou no fim de hum exercicio outro Soldado, a quem vio deſcalço. Só elle he que podia fazer com huma tal acçaõ naõ foſſe no mundo ſingular.

gular. Subirá a mayor gráo a admiraçaõ do Leitor com outro caſo, que referiremos, no qual eſte Cavalhero mais vivamente moſtrou os incendios, em que o abraſava a caridade.[2] Eſtava D. Franciſco Maſcarenhas em huma occaſiaõ veſtindo huma camiza para ſahir de caza; chegou cazual, ou myſterioſamente neſte tempo hum ſeu Soldado a fallarlhe em hum negocio, e vio, que eſte trazia veſtida huma camiza taõ rota, que já ſe naõ diſtinguia do que era; entráraõ logo a agitarſe os eſpiritos da ſua piedade, e como as neceſſidades alheyas tinhaõ para com elle huma virtude Magnetica, que inſtantaneamente lhe attrahia o coraçaõ para a caridade, deſpio a camiza, e deo-a ao Soldado: para eſta acçaõ ficar ſingularmente heroica teve a circunſtancia, de que naõ tendo naquella occaſiaõ outra camiza lavada, ſahira para fóra com a meſma, que havia deſpido. Quem naõ dirà que ſó eſta acçaõ baſtava para ſer a ſua memoria collocada no templo immortal dos Heroes,

 baſtan-

baſtando para merecer eterno lugar no celeſtial dos Santos? Quando com o ſeu Regimento paſſou ao Alemtejo, foy eſta Provincia o theatro, em que deixou mais venerada a ſua piedade, glorioſo o ſeu nome. Em huma marcha, que fez de oito legoas em hum dia, experimentáraõ os Soldados huma ſede taõ inſofrivel, que naõ duvidavaõ a beber nos charcos, como remedio, mayor perigo: vio a ſua piedade aquella afflicçaõ, e querendo igualmente remedialla, e evitar o damno, mandou pôr guardas aos charcos, e de breve em breve tempo diſtribuir por elles huma pequena porçaõ de vinho, que elle algumas vezes peſſoalmente lhes dava; remedio que todos recebiaõ mais como da maõ de Pay, que de Capitaõ. Neſta, e em outras marchas, ſendo preciſo ao Regimento vadear alguns rios ſempre montado a cavallo, paſſava nelle a cada Soldado per ſi com tanta caridade, como trabalho; naõ conſentindo, que eſtes, a quem eſtimava como a ſi proprio, padeceſſem na paſſagem huma

huma incommodidade muitas vezes perigoſa. Quando trouxe para a Corte os Soldados, que fora levantar à Comarca de Santarem para reclutar o ſeu Regimento, compadecido das ſuas miſerias os recolheo em ſua caza, e nella os ſuſtentou largo tempo, fazendo-lhes admirar com a grandeza de Cavalhero, a de piedoſo. Era taõ grande o cuidado, que tinha de que os ſeus Soldados naõ padeceſſem, que nomeou do ſeu Regimento hum Soldado para ſer Procurador dos que eſtiveſſem prezos, ao qual deſpenſava de todas as obrigaçoens, a fim de ficar mais deſembaraçado para cuidar do livramento dos prezos, para o qual dava ſempre o dinheiro, que era neceſſario. Finalmente para darmos huma concludente prova da ſua compaixaõ para com os Soldados, ſó baſta dizer, que chegou a fazer a Sua Mageſtade o requerimento, de que o mudaſſe para Coronel do mar, dizendo, que era tal a compaixaõ, que lhe cauzavaõ as neceſſidades dos Soldados, que como naõ podia de todo remediallas

diallas, naõ tinha animo para as ouvir. Veja-ſe, ou admire-ſe qual era o gráo da ſua compaixaõ, pois chegou a pedir hum poſto inferior ao que exercia, por vêr que algumas vezes ficaria a ſua piedade ſem exercicio.

Como a D. Franciſco Maſcarenhas em cada Soldado ſe lhe repreſentava hum filho, praticava com elles toda a obrigaçaõ de Pay verdadeiro. Inſtruia-os igualmente no ſerviço do Monarca, e no de Deos: ao meſmo tempo que lhes enſinava as obrigaçoens de Soldados, lhes fazia exercitar as de Chriſtãos, e naõ era neſtes pios exercicios o zelo inferior aos Militares, porque o ſerviço de Deos, e do ſeu Soberano pezavaõ igualmente na ſua conſciencia. Obrigava-os a frequentarem as Confiſſoens, uzando ſempre do poderoſo artificio da docilidade, naõ do rigor do preceito. Quaſi todos os mezes hia ao Caſtello, e na Capélla de Santa Barbara lhes fazia huma dilatada pratica, na qual ſempre ſe via fallar o eſpirito por boca do zelo.

Nella

Nella lhes encomendava que como Soldados tinhaõ dobrada obrigaçaõ para ſervirem a Deos, como unico Senhor dos Exercitos, e das Victorias: explicava-lhes em mais alto exercicio o modo, como ſe haviaõ fórmar para acommetter, e deſtruir debaixo da bandeira das virtudes a poderoſa guerra dos vicios. Para ſaber o effeito, que eſtas praticas faziaõ, deo ordem aos ſeus Officiaes, que tiraſſem do Regimento huma rigoroſa devaſſa ſobre o procedimento dos Soldados, e obſervava-ſe tanto eſta ordem, que indiſpenſavelmente todos os mezes vinhaõ a ſua caza depôr neſta materia, e ſegundo as informaçoens premiava com augmentos, e elogios o procedimento de huns, e caſtigava com aſperas reprehenſoens o de outros, que em ſendo contumazes, mandava prender, e muitas vezes lançar fóra como indignos. Digaõ-no, por todos, aquelles dous Soldados, quando em o Alemtejo acharaõ nelle o caſtigo, que pediaõ as leys Militares à grandeza do ſeu delicto. Mataraõ eſtes de huma

ma manada hum porco com tal infelicidade, que o Lavrador, ſciente de que elles foraõ os authores, ſe queixou a D. Franciſco; ſentio eſte de tal modo aquelle delicto, como quem deſejava, que os ſeus Soldados foſſem no procedimento, como já eraõ na ſciencia, o exemplo dos mais; e para dar huma prova da ſua juſtiça, que a todos foſſe horroroſa, depois de reſarcir ao Lavrador da ſua bolça a importancia da perda, mandou prender rigoſamente os Soldados; caſtigo, que experimentaraõ naõ pouco tempo; porèm ao depois, vencendo as forças da piedade às da juſtiça, os mandou vir à ſua preſença, e com huma ſeveridade, que podera ſuprir o rigoroſo caſtigo, lhes diſſe, que naquella occaſiaõ naõ uzava de mayor rigor, porèm, que entendeſſem, como todos os mais, que ſe cahiſſem em ſemelhante culpa, naõ haviaõ contar da ſua piedade ſegundo exemplo.

Neſte inceſſante exercicio das Armas, e das Virtudes occupava D. Franciſco Maſcarenhas a ſua vida para dar a

eſte

eſte Elogio glorioſo aſſumpto, quando os ſeus merecimentos o chamaraõ ao Oriente para reſtituir à Patria aquelle antigo reſpeito, que lhe alcançaraõ os Heroes do ſeu apellido. Do motivo, que houve para eſta viagem daremos ſucinta relaçaõ. Pelos annos de 1736. vio-ſe o veneravel Eſtado da India aſſombrado com repetidas invaſoens do Maratâ, e Bonſulo, poderoſos Regulos da Coſta do Reyno de Decan, Vaſſallos em outro tempo do Graõ Mogol, invadindo o primeiro as terras do Norte, o ſegundo a Provincia de Bardês, ambos com forças taõ ſuperiores às noſſas no numero, como iguaes na diſciplina. Os poucos Soldados, que guarneciaõ as noſſas Praças, foraõ valeroſos exemplares do antigo valor Portuguez, porque reſiſtiraõ ao inimigo com braço taõ valeroſo, que nunca eſte arvorou os troféos da victoria ſenaõ ſobre os cadaveres dos ſeus meſmos Soldados; porèm os poucos meyos, com que neſta occaſiaõ ſe achava o Eſtado, fizeraõ a hum, e outro inimigo das ter-

ras, que invadiraõ injuſtos Senhores, ſaciando nellas com a liberdade de Regulos todo o odio de Gentios. Chegaraõ eſtas infauſtas noticias aos Reaes ouvidos de Sua Mageſtade, o qual igualmente ſentindo como Pay a vexaçaõ dos Vaſſallos, e como Religioſo o barbaro dominio de taes inimigos, expedio varios ſoccorros, entre os quaes foy o mais conſideravel huma Eſquadra de ſeis Náos de guerra, guarnecidas com quaſi dous mil Soldados tirados das Trópas veteranas do Reyno, e providas de tudo o neceſsario para caſtigar a huns inimigos, unico eſcandalo do ſeu pacifico Reinado. Entrou Sua Mageſtade na conſideraçaõ de buſcar quem cõmandaſſe eſta Eſquadra, e dado, que no Reyno havia Cavalheros, a quem ainda as cinzas frias dos ſeus antepaſſados exhalavaõ calor para as facçoens glorioſas, mereceo Dom Franciſco Maſcarenhas entre os mayores a Real eleiçaõ, nomeando-o Commandante dos quatro Batalhoens com Patente de Sargento mór de Batalha em 26. de Abril de 1740.

Acreſ-

Acreſcentou-lhe a eſta mercè a de Conſelheiro de Eſtado no da India, e huma Cõmenda da Ordem de Chriſto, de que jà era Cavalleiro, ſituada na Caza da India, e mais huma tença de duzentos mil reis cada anno; mercè, que Sua Mageſtade lhe commutou em outra, que elle meſmo pedio para ſua ſobrinha D. Magdalena Vicencia Maſcarenhas, hoje cazada com Luiz Guedes de Miranda, Senhor de Murça. Aceitou D. Franciſco Maſcarenhas eſta mercè com raro contentamento, porque o ſervir à Patria era a inclinaçaõ do ſeu genio, a herança da ſua Familia, como jà antes da publica nomeaçaõ havia moſtrado, porque perguntandoſe-lhe particularmente ſe teria duvida em paſsar ao Eſtado da India, reſpondeo, que no meſmo inſtante, em que aſſentára praça de Soldado, ſacrificára toda a ſua liberdade ao ſerviço da Patria; reſpoſta, que ſe veria eternizada em huma eſtatua, ſe ſe déſse nos ſeculos Romanos. O zelo da Religiaõ, em que ſe abrazava como virtuoſo, era outro eſ-

timulo naõ menos forte, que o amor da Patria, como se sabe das respostas, que dava a sua Irmaã a Condessa de S. Tiago, quando por boca do amor o persuadia, a que naõ deixasse o Reyno, dizendo-lhe sempre, que como Soldado Catholico estava obrigado a peleijar contra huns inimigos, que inféstavaõ com a peste do Alcoraõ os dominios da Igreja.

Se em D. Francisco Mascarenhas tivesse entrada a vaidade, podéra nesta occasiaõ desvanecerse do conceito, que tinhaõ os seus merecimentos, porque foy esta nomeaçaõ geralmente approvada, persuadindo-se todos, que só elle no Oriente havia cortar aquellas palmas, que ha tantos annos se viaõ sem exercicio glorioso. Para deixar aos seus parentes nesta partida hum fino sinal do seu amor, ou talvez para buscar mais livremente nos perigos da guerra o serviço da Patria, distribuío logo as suas rendas em varias tenças para suas Sobrinhas, e Irmaãs Religiosas, e duas criadas antigas da sua Caza, a quem deveo particular cuidado na sua infancia.

A

Neſta occaſiaõ reſolveo Sua Mageſtade mandar tambem ſucceſſor a Pedro Maſcarenhas, Conde de Sandomil, que entre as invenciveis tormentas dos Barbaros, e da fortuna, governava aquelle Eſtado com tanto credito do ſeu caracter, que deve a retidaõ da Patria fazer ao ſeu governo os meſmos elogios, que jà dedicára à ſua eſpada nas Campanhas. Mereceo ſegunda vez a Real nomeaçaõ, e com ella a grande mercè do Titulo de Marquez do Louriçal, D. Luiz Carlos de Menezes, Conde da Ericeira, Cavalhero herdeiro das virtudes do ſeu Apellido, porque os raſgos da ſua penna o fazem taõ reſpeitado, como os da ſua eſpada.

Amanheceo o dia 7. de Mayo de 1740. e como o vento era favoravel para a navegaçaõ, ſe embarcou D. Franciſco Maſcarenhas em a Náo N. Senhora do Carmo; e o Marquez Vice-Rey em a de N. Senhora da Eſperança, que ſervia de Capitanìa, e no meſmo dia deſaferrou do Porto toda a Armada. Principiáraõ logo os ventos brandos, e eſcaços a gover-

vernarem mal as Náos, e ao meſmo tempo as doenças a fazer infeliz a viagem; as que menos experimentáraõ eſtes dous grandes danos era a de D. Franciſco Maſcarenhas, e a Capitanîa, em que hia o Marquez Vice-Rey, motivo porque eſte por voto dos Pilotos de toda a Eſquadra, largou a conſerva das outras Náos, conſiderando, que aſſim o pedia tanto o ſerviço da Mageſtade, como o intereſſe do Eſtado. Com eſta reſoluçaõ ſe ſeparáraõ as duas Náos em 18. de Julho, e dobráraõ o Cabo da Boa Eſperança a 8. de Setembro. As doenças, que as outras Náos padeciaõ, entráraõ a experimentar tambem eſtas com tal exceſſo, que ſó a de D. Franciſco Maſcarenhas chegou a contar mais de quatrocentos doentes.

Foy neſta occaſiaõ o mar o teatro, em que eſte piedoſo coraçaõ fez mais publicos os incendios da ſua inimitavel caridade; baſtando qualquer delles, para que o agradecimento da Patria nos ſagrados Faſtos dos ſeus Varoens pios lhe eſcre-

creveſſe eterno Elogio. Parecia que neſta occaſiaõ, como em outro tempo, andava ſobre as agoas o Eſpirito de Deos, que reſpirava D. Franciſco Maſcarenhas em todas as acçoens da ſua grande caridade. Via-ſe, quando deu a ſua Camara para Hoſpital dos enfermos, eſcolhendo para dormir outra, que ſeria indecente, ainda àquelles, a quem o naſcimento faz no mundo humildes. Via-ſe eſte Divino Eſpirito, quando eſte Cavalhero diſtribuio pelos doentes todo o refreſco, que para ſi levava, chegando em quaſi toda a viagem a comer biſcouto preto em lugar de paõ, a fim de a poupar a farinha para elles, e ter a ſua rara caridade continuadas occaſioens de favorecer, naõ menos de admirar. Via-ſe, quando para o uſo deſtes meſmos deu toda a ſua roupa com huma piedade taõ generoſa, que baſtará dizerſe, que chegou a Goa com huma ſó camiza; acçaõ, que ſe a melhor penna a pertender dignamente louvar, ha de ver que as expreſſoens mais elevadas ficaõ taõ humildes, como ſe as eſcreveſse a inveja.

veja. Via-se finalmente, quando dizendo-lhe em huma occasiaõ o enfermeiro, que jà naõ havia camas para os doentes, mandou que lhe tirassem da sua propria cama os colchoens, e que lhos dessem, ficando dalli por diante em todo o dilatado tempo da viagem dormindo sobre huma taboa com assombro de todos, que consideravaõ assim a grandeza do posto, como a da pessoa. Sirva de eterno, e veneravel padraõ à sua ardentissima caridade a acçaõ, que obrou com hum Soldado, a qual foy taõ heroicamente elevada, que jà outras semelhantes collocaraõ a muitos justos em o sagrado numero dos Santos. Adoeceo este de hum mal chamado escurbutico, que ao depois infestou a hum consideravel numero de pessoas: viraõ os Cirurgiaens, que este mal por ser contagioso era facilissimo a communicarse, e deraõ ordem, que por este motivo se separasse dos mais doentes. Soube D. Francisco Mascarenhas desta resoluçaõ, e considerando, que o tal enfermo naõ tinha parte commoda, onde

se

ſe podeſſe curar, taõ altamente ſe abrazou na caridade, que o levou para a ſua meſma Camara, em que dormia, naõ reparando a ſua virtude no evidente dano, que lhe podiaõ cauſar as contagioſas calidades daquelle mal. Naõ ſe effeituou eſta acçaõ, porque os Cirurgiaens reſolveraõ, que os ares da ſua Camara mais eraõ conducentes para augmentar, que diminuir o mal àquelle enfermo, o que ouvindo D. Franciſco mandou, que ſe lhe fizeſſe a cama junto à porta da ſua meſma Camara, aſſim pelos ares ſerem naquella parte mais benignos, como para lhe poder aſſiſtir mais promptamente, o que fez com huma caridade taõ rara, que ainda os que a prezenciáraõ, a naõ ſouberaõ explicar. Naõ ſe limitava a eſte ſó enfermo a ſua caritativa aſſiſtencia, porque naõ cabe neſte breve papel, menos em todas as expreſsoens, relatar a vigilancia, com que tratava de todos, dando-lhes muitas vezes os remedios por ſuas mãos, nunca taõ illuſtres, como quando ſe occupavaõ em acto taõ piedoſo. Naõ

ſe póde explicar o zelo, com que obrigava aos ſãos a que lhes fizeſſem a mayor aſſiſtencia, nem o com que recomendava aos Capellaens, que tiveſſem com os moribundos o mayor cuidado, para que ſoubeſſem como Soldados de Chriſto triunfar da morte; e era neſta parte taõ ardente o ſeu zelo, que o podéra ſantamente invejar o Miſſionario mais Apoſtolico. He impoſſivel referir o interior ſentimento, que lhe cauſava a noticia da morte de algum, pois derramava tantas lagrimas, quantas choraria o amor de hum pay pela falta de hum filho. Neſta acçaõ para ſe moſtrar internecido, queria deixar de parecer Heroe na intelligencia daquelles que dizem, que as lagrimas ſaõ mais manchas, que afeaõ, do que cores, que avivaõ a figura da heroicidade verdadeira. Naõ ſe podem finalmente deſcrever os divertimentos, que deſcobria para divertir aos convalecentes, mandando-lhes tocar varios inſtrumentos, e exercitando atè neſta parte a ſua grande caridade, pois muitas vezes

jo-

jogava com elles com tanta affabilidade, como paciencia. A grandeza desta acçaõ só a podem dignamente avaliar aquelles, que por natural altiveza a naõ haviaõ fazer, reputando-a desdouro, quando naõ fosse desprezo, à distincçaõ do seu nascimento.

Com os exercicios da sua caridade naõ se esquecia D. Francisco Mascarenhas dos da sua applicaçaõ. Alli praticou o estudo da Manobra com mais particular disvelo; alli observou mais exactamente os mysterios da Nautica, servindo o seu estudo nesta sciencia aos Pilotos humas vezes de admiraçaõ, outras de conselho. A mesma applicaçaõ lhe deveo o estudo militar, mostrando quando recordava, o mesmo disvelo, com que aprendera. Frequentemente instruia os Soldados nas obrigaçoens do seu officio, que deviaõ praticar no mar, em quanto o permitiaõ as inclemencias dos elementos, que quasi continuamente padeciaõ. Era tal a sua vigilancia em saber se estes praticavaõ devidamente as

ſuas obrigaçoens, que nenhuma falta lhe era occulta, a qual logo caſtigava com caſtigo correſpondente à ſua grandeza, premiando pelo contrario com honras, e elogios aquelles, que ſabiaõ deſempenhar as obrigaçoens do ſeu poſto. Para provarmos eſta verdade nos deixou huma acçaõ digna de melhor ſeculo, para ſe ver perpetuada naquelles Faſtos Romanos, nos quaes eraõ eſtatuas as letras, com que ſe eſcrevia. Intentou hum Cabo de Eſquadra romper as ordens de huma Sentinella, querendo paſſar por huma parte, em que havia impedimento; naõ conſentio o Soldado, e fez todas as forças por obſervar as ordens, que lhe haviaõ dado; o que ſabendo D. Franciſco Maſcarenhas, mandou chamar o Cabo, e o caſtigou taõ aſperamente, como merecia o ſeu atrevido procedimento; e para ſeu mayor caſtigo fez tantas honras à Sentinella, que huma dellas foy convidalla para jantar com elle à ſua meza, na qual lhe deo o melhor aſſento, e lhe miniſtrou o comer nos pratos por ſua propria

pria maõ, dizendo-lhe no fim que aquella demonſtraçaõ ainda naõ era o que pedia o ſeu deſejo, nem o que merecéra a acçaõ, que fizera, porque deſejava premialla de tal modo, que ſerviſſe a huns de exemplo, a outros de vergonha.

Neſtes louvaveis exercicios hia D. Franciſco Maſcarenhas ſervindo a Deos, e à Patria, quando as fataes inclemencias dos mares, e das doenças o obrigaraõ, como tambem ao Marquez Vice-Rey, a buſcar a grande Ilha de Madagaſcar, que a noſſa piedade fez veneravel com o nome de S. Lourenço, e deo nella fundo em 8. de Outubro. Logo no ſeguinte dia foy D. Franciſco Maſcarenhas a terra acompanhado do Padre Alexandre Cabral da Companhia de JESUS a fazer provimento de gallinhas para os doentes, as quaes comprou à ſua cuſta, no que fez conſideravel deſpeza. Paſſou de caminho a vizitar ao Rey, e Rainha daquella Ilha, os quaes o trataraõ com tal affabilidade, que mais pareciaõ Principes de terras civilizadas, que de mattos incul-

incultos. Acabada eſta vizita voltou D. Franciſco Maſcarenhas para a Náo com o provimento, que comprára, e no ſeguinte dia tornou a vizitar a eſtes Principes, aos quaes preſenteou com couſas, que a raridade faz ſerem da mayor eſtimaçaõ naquelle Paiz, e recolhendo-ſe à Náo lhe correſpondeo o Rey com outro preſente, que eraõ duas vacas de taõ extraordinaria grandeza, que cauſou admiraçaõ a todos, as quaes D. Franciſco eſtimou mais por ſervirem para o uſo dos doentes, que por ſerem dádiva daquelle Principe. A eſte preſente ſe ſeguio logo o da Rainha, que era hum capaõ muy differente dos da Europa, aſſim no goſto, como na grandeza, preſente, de que naquellas terras ſe faz o mayor apreço. No porto deſta Ilha eſtiveraõ as Náos de D. Franciſco Maſcarenhas, e do Marquez Vice-Rey ſurtas tres dias, no fim dos quaes buſcando a commodidade dos enfermos ſe fizeraõ à vela para a Bahia de Santo Agoſtinho na meſma Ilha, onde no fim de tres dias deraõ fundo. Foy

logo

logo D. Francifco Mafcarenhas a terra bufcar fitio, em que fe accommodaffem os doentes, e achando-o proporcionado o mandou preparar, e cobrir com a vela grande da Náo, o que tudo prompto fez defembarcar a todos os doentes, que excediaõ o numero de trezentos e oitenta. A beneficio dos ares, e dos mantimentos defte Paiz fe viraõ todos inteiramente reftituidos à fua antiga faude, o que a D. Francifco caufou taõ grande gofto, como fe tambem elle entraffe naquelle numero. Outra vez havemos paffar em filencio o muito que a caridade defte Cavalhero fe fez nefta occafiaõ admiravel: nada diremos da grande defpeza, que fez com todos os doentes; nada do amor, com que todos os dias os vizitava; nada finalmente da vigilancia, que tinha, em que nenhum delles padeceffe no trato, dormindo para efte fim muitas vezes em terra, em cujas occafioens era elle o melhor enfermeiro: referir eftas coufas feria repetir o mefmo, que jà temos efcrito.

Nefta

Nesta Ilha com a recuperaçaõ dos danos, que os ares fizeraõ na equipagem, se reparáraõ tambem os que os mares obráraõ em as Náos, reformando o Vice-Rey na Capitania o destroço dos mastos, e D. Francisco Mascarenhas na sua o da agoa, com que jà sahíra de Lisboa, o que concluido se fizeraõ à vela aos 11. de Novembro com esperanças de vencer as difficuldades de navegaçaõ taõ prolixa. Aos 5. de Janeiro de 1741. passou D. Francisco a Linha para a parte do Norte em conserva da Náo do Vice-Rey, e a 9. do mesmo mez avistou a terra da Costa da Deserta. Achou alli a monçaõ virada em contrario, e começando a bordejar, fez todas as forças para continuar a viagem para Goa. Foy frustrada toda esta diligencia, porque a grande falta de mantimentos, e agoa, que se experimentava, e o consideravel numero dos convalecentes, que recahiraõ, faziaõ hum embaraço invencivel à viagem; o que considerando D. Francisco Mascarenhas mandou em 14. do dito mez fazer hu-

huma exacta lista do resto de todos os mantimentos, e vendo que estes apenas chegavaõ para 15. dias, dando-se meya reçaõ, representou ao Marquez Vice-Rey aquella consternaçaõ, pedindo-lhe, que ou lhe désse mantimentos para continuar a viagem, ou licença para se hir refazer em algum porto, a qual obtendo, voltou a proa para a Ilha de Moçambique, e nella deu fundo em 25. do mesmo mez de Janeiro. Aqui se deteve atè dezesete de Março sempre occupado em continuos exercicios de caridade, humas vezes tratando dos doentes, outras cobrindo de piedosa terra os mortos, que entre todos chegáraõ ao numero de cento e quinze. Estes actos de piedade deixamos para discorrer ao Leitor, que virá no conhecimento da sua grandeza, medindo-os pelos outros muitos, que havemos referido. Nesta Ilha accommetteo a D. Francisco Mascarenhas huma grave doença, entendo que procedida, assim da continua assistencia, que fazia aos doentes, como do pouco cuida-

M do,

do, com que tratava de ſi: cedeo eſta aos remedios, e contando poucos dias de convalecente chegou a monçaõ, e logo ſe fez na direitura de Goa. A contrariedade dos ventos lhe fez buſcar a barra de Murmugaõ, a qual ferrou em 17. de Mayo de 1741. contando hum anno, e dez dias de taõ penoſa viagem, que em as noſſas memorias Orientaes ſe naõ encontra ſemelhante. Apenas deſembarcou, logo arrebatado dos impulſos, que lhe cauſava em ſeu coraçaõ naõ menos o ſeu agradecimento, que a ſua inclinaçaõ virtuoſa, buſcou a Igreja Parochial daquella Fortaleza para render a Deos as graças de o haver livrado dos horroroſos perigos, a que tantas vezes ſe vira expoſto em taõ dilatada viagem. Neſta oraçaõ gaſtou dilatado tempo, e mais nella ſe detivera, ſe a caridade o naõ chamaſſe, porque logo peſſoalmente foy da ſua bolça comprar grande numero de gallinhas, e levou-as aos Soldados doentes, aos quaes a falta deſtas, e outros remedios tinhaõ conduzido a deploravel eſtado.

do. Soube da ſua chegada o Padre Joaõ Antunes, Religioſo da Companhia de JESUS, e Parocho daquella Fortaleza, e logo o buſcou, pedindo-lhe com efficazes rogos, que quizeſſe ſer ſeu hoſpede; attençaõ que Dom Franciſco agradeceo cortezmente, e naõ aceitou, dizendo, que como os ſeus Soldados ficavaõ em a Náo, era eſcandalo para o ſeu cuidado deixar de os acompanhar. A's cortezes attençoens deſte Religioſo correſpondeo D. Franciſco Maſcarenhas com hum preſente de couſas do Reyno, de que naquellas terras ſe faz particular apreço, o qual ſó na grandeza do ſeu animo naõ foy reputado grandioſo. Chegou ao Marquez Vice-Rey a noticia deſta chegada, e logo mandou ordem, que os Soldados ficaſſem guarnecendo aquella Fortaleza; porèm D. Franciſco Maſcarenhas conſultando a ſua piedade, e vendo que eſtes pelo miſeravel eſtado, em que ſe achavaõ, ſó deviaõ ſer levados para o Hoſpital, e naõ para a Fortaleza, naõ deu à execuçaõ eſta Ordem, antes os mandou

conduzir a Goa para alli ſerem curados; interpretando deſte modo piedoſamente a vontade do Vice-Rey, o qual como igualmente piedoſo logo approvou eſta reſoluçaõ pela mais acertada.

Neſta Fortaleza ſe deteve D. Franciſco Maſcarenhas tres dias, ſendo comprimentado de todos os Fidalgos, e peſſoas diſtinctas, huns levados das razoens do ſangue, outros das da cortezia. Depois de dar providencia a tudo, o que era preciſo, e de ter comprido exactamente com todas as obrigaçoens do ſeu poſto, ſe embarcou em hum Balaõ, em que o fora buſcar Dom Luiz Caetano, General das Prayas, e acompanhado deſte, e outros muitos Cavalheros, foy para Pangim, duas leguas diſtante de Goa, e alli ſe demorou alguns dias no Hoſpicio dos Religioſos da Companhia de JESUS, onde foy tratado daquella Religioſiſſima Familia com a diſtincçaõ, que pediaõ as razoens de Cavalhero, e de Bemfeitor. Acompanhado da meſma comitiva ſe embarcou

para

para Panelim, residencia do Marquez Vice-Rey, onde chegou pelas quatro horas da tarde do dia 23. de Mayo. Festejaraõ todos a sua chegada com alegria taõ excessiva, como pedia a felicidade de verem, que na sua pessoa lhes entrava pelo Estado a victoria, que contra o presente inimigo lhes havia alcançar o seu braço, naõ menos o seu nome. Lembravaõ-se todos, quanto o nome de Mascarenhas fora igualmente respeitado, e temido em todo o Oriente, humilhando a soberba dos seus Principes com taõ assinalados triunfos, que entre nòs as Historias os contaõ com gloria, entre elles a tradiçaõ com injuria. Lembravaõ-se das raras acçoens de hum D. Joaõ Mascarenhas, aquelle singular Heroe, que ainda Portugal naõ soube estimar, aquelle, que parece fora só criado para açoute do Oriente, de que saõ vencidas testemunhas os poderosissimos exercitos de Çofar, e seu filho Rumecaõ no segundo cerco de Dio, de quem só o seu braço foy o muro mais invencivel. Lembravaõ-se de

hum

hum D. Pedro Maſcarenhas, aquelle Varaõ muitas vezes ſuperior ao mayor encarecimento, que em huma pequena Armada guarnecida de pouca gente deſtruhio de tal modo a El-Rey de Paõ, que o obrigou a fazer do Sertaõ a ſua Corte, ou como envergonhado, ou temeroſo. Traziaõ à memoria hum D. Manoel Maſcarenhas, verdadeiro rayo da guerra, quando em o mar venceo glorioſamente aos Turcos, e naõ ſatisfeito com eſte caſtigo, abrazou-lhes as Náos, para que em cinzas eſcreveſſem o ſeu eſtrago, ou ſoubeſſem as ſuas victorias todos os Elementos. Conſervavaõ preſentes na memoria a total deſtruiçaõ, que padeceo nas ſuas terras o rebelde Nayque executada pelo valor de D. Jeronymo Maſcarenhas, chegando a ruina a tanto exceſſo, que obrigou ao Tyranno a fogir para os boſques, cauſando-lhe menos horror as féras, que tal braço. Sabiaõ o que fora o Vice-Rey D. Franciſco Maſcarenhas Capitaõ mór do mar da India, das Fortalezas de Sofala, Moçam-

çambique, e Chaul, onde obrou proezas taõ ſingulares, que naquelle tempo atemorizaraõ a Azia, hoje fazem veneraveis as Hiſtorias. Lembravaõ-ſe de hum D. Gil Maſcarenhas, quando reduzio a merecidas cinzas a Cidade de Calicut, e naõ reputando ſó eſta acçaõ digna da ſua juſta vingança, ateou o meſmo incendio às Villas de Panane, Calegate, e à Ilha de Daruti. Paſſavaõ finalmente pela memoria outros muitos Heroes deſte veneravel apellido, que a fazermos delles mençaõ, ſeria preciſo contar todas as noſſas victorias do Oriente; e eſta ſaudoſa lembrança os obrigava a romper em exceſſos de prazer, ſeguros, de que D. Franciſco Maſcarenhas havia reſuſcitar taõ illuſtres feitos, como glorioſo fruto de huma arvore, que naõ degenéra. *10*

Foy logo comprimentar ao Marquez Vice-Rey, que o recebeo com aquella attençaõ, que merecia o reſpeito, que lhe dava igualmente a qualidade do ſeu naſcimento, e do ſeu poſto. Acabada eſta vizita ſe recolheo ao ſeu Palacio,

cio, que o meſmo Marquez Vice-Rey lhe mandára preparar magnificamente, e no meſmo dia o banqueteou eſte taõ eſplendidamente, que a delicadeza era emula da profuſaõ. Concorreraõ logo as peſſoas mais diſtinctas das Jerarquias Seculares, e Religioſas a vizitar a Dom Franciſco Maſcarenhas, dando-ſe todos a ſi os parabens, quando os davaõ à ſua chegada: introduziaõ ſem liſonjeiros termos nos comprimentos, que lhe dedicavaõ victorioſos vaticinios ao Eſtado, futuras glorias ao ſeu valor. Os que mais ſe diſtinguiraõ neſta obſequioſa attençaõ foraõ os Religioſos da Companhia de JESUS, ou lembrados das obrigaçoens, que deviaõ à ſua peſſoa pelas frequentes, e copioſas eſmolas, com que os favorecia no Reyno, ou das que eraõ devedores à ſua Familia, conſiderando, que o grande Vice-Rey daquelle Eſtado D. Pedro Maſcarenhas, ſendo Embaixador em Roma, fora quem os trouxera a Portugal, para dilatarem no Oriente, como invenciveis Soldados de Chriſto, o

fir-

firme Imperio da Igreja.

Paſſaraõ alguns dias ſem que ſe deſſe à execuçaõ o intento de caſtigar os roubos, que o poderoſo Regulo Bonſulò fizera ao Eſtado, porque ſe eſperou que os Soldados convaleceſſem, huns da doença, outros do trabalho de taõ cuſtoſa viagem. Eſtava deſtinado para o dia 9. de Junho o principio de taõ glorioſa acçaõ, porque nelle receberaõ todas as Trópas, aſſim do Reyno, como do Eſtado, ordem do Marquez Vice-Rey para marcharem para Carepa, planicie na Ilha de Choraõ, fronteira à terra firme. Neſte dia, vadeado o rio, ſe ajuntou neſta parte todo o exercito, que fazia o numero de 3U100. homens, 2U200. Portuguezes, em que entrava alguma gente do mar para o uſo da artelharia, e 900. Gentios, a quem chamaõ Sipaes, que eſtaõ ao ſoldo do Eſtado. Commandava eſtas Trópas como General Manoel Soares Velho, e como Sargento mòr de Batalha D. Francico Maſcarenhas, Poſto, que ouvimos dizer lhe naõ dava a ſuperiorida-

de da ſua Patente; porèm lembrado, de que a heroica maxima de ſeus incomparaveis aſcendentes fora ſempre antepor o credito da Patria ao proprio, fez com que na ſua prudencia ſe admiraſſe ſilencio, o que devia ſer diſputa. Para provarmos, que o publico intereſſe, e naõ os ſeus augmentos, era quem unicamente agitava os ſeus eſpiritos para facçaõ taõ illuſtre, ſirva de rariſſima teſtemunha aquella heroica acçaõ de querer conſtantemente hir à peleja como Soldado razo, o que teria effeito, ſe prudentes reflexoens o naõ venceſſem. Se as idades paſſadas nas vidas de ſeus Capitaens mais famoſos ſe podeſſem deſvanecer com huma acçaõ taõ illuſtre, naõ ſabemos para agradecimento, que novo premio excogitariaõ.

Neſta Ilha ſe deteve D. Franciſco Maſcarenhas atè o dia 12. de Junho, no qual com todas as Trópas ſe embarcou para ſe tranſportar pelos rios de Goa a Aldoná, Cabeça da Provincia de Bardês. Naõ foy eſte tranſporte feliz, porque nelle beberaõ miſeravelmente a morte

cin-

cincoenta e seis Soldados veteranos das duas Companhias de Granadeiros de Cascaes, e do Algarve; fatalidade, que penetrou taõ vivamente o coraçaõ de D. Francisco, como pedia em tal occasiaõ a qualidade dos mortos, que elle levava como fiadores mayores da futura victoria. Logo neste dia entrou D. Francisco Mascarenhas a dar singular assumpto à sua fama, heroico exercicio ao seu valor, fazendo que se admirasse nelle na primeira acçaõ militar, em que se achava, o que nas memorias dos Capitaens illustres raras vezes se encontra, porque levado mais do seu valeroso espirito, que da obrigaçaõ do seu posto, atravessando hum estreito rio, passou a Corjuem, onde montado a cavallo foy a hum outeiro, que estava perto da Fortaleza inimiga a examinar as forças, com que se achava, e a parte mais propria por onde se havia atacar, sem que o assustassem, nem ainda levemente, os continuados chuveiros de balas, que os inimigos despediaõ; pois andava entre ellas com taõ estranho

valor, que parecendo-lhe que muitas lhe apontavaõ à cabeça, nem eſta abaixava, para que naõ acertaſſem o alvo, a que ſe dirigiaõ. Feito o exame, ſe recolheo D. Franciſco Maſcarenhas ao ſeu Quartel, onde diſſe ao General a parte por onde lhe parecia, que mais facilmente ſe podia avançar aquella Fortaleza; conſelho, que logo eſte approvou, como todos os mais, que houveraõ no diſcurſo de toda aquella acçaõ, porque lhe reſpeitava a ſciencia, ainda com mais veneraçoens, que a peſſoa.

Amanheceo o dia 13. de Junho, e como era dedicado a Santo Antonio, Padroeiro, e Defenſor de Portugal, paſſou o General, e D. Franciſco Maſcarenhas com as Trópas para a Ilha de Corjuem pelas tres para as quatro horas da tarde, firmes de que era hum certo argumento da victoria darſe principio a acçaõ em taõ fauſto dia. Formou-ſe logo o exercito, e poz-ſe em marcha a buſcar o inimigo, que eſtava na Fortaleza, hindo D. Franciſco Maſcarenhas na frente igualmente

mente para os animar, e inſtruir. Sobre a meſma marcha aſſaltou-ſe logo a Fortaleza com pouca reſiſtencia dos inimigos, porque o eſtrondo das noſſas armas fez nelles huma impreſſaõ taõ horroroſa, que fogiraõ por huma porta falſa, de que jà ſe preveniraõ para a ſua retirada, deixando-nos a Ilha com a Fortaleza, e dandonos a victoria ſem ſangue, ſe menos glorioſa, mais util. Neſta occaſiaõ ſó foraõ deſpojo da vingança das noſſas eſpadas ſete dos inimigos, porque jà os mais haviaõ buſcado a terra firme atraveſſando hum rio, no qual affogados morreraõ muitos pela ancia de cada hum querer ſer o primeiro em ſalvar a vida. Guarnecida a Fortaleza com duas Companhias, voltou D. Franciſco Maſcarenhas no meſmo dia com o exercito para Aldonà a deſcanſar do trabalho, ainda que pouco, com que ſe conſeguira a victoria.

No ſeguinte dia pela manhaã marchou com o exercito, correndo a Provincia de Bardês pela beira do rio a buſcar o inimigo em outras Fortalezas. Chegou

gou ao Forte Novo, e jà o achou desamparado sem gente alguma; deste passou ao de Tevî, e achou-o do mesmo modo, porque como hum, e outro pela situaçaõ, em que estavaõ, naõ podiaõ dar livre sahida ao inimigo para fogir, naõ quiz este expor-se a experimentar os fios das nossas espadas. Aqui descansaraõ as Trópas para jantar, o que feito, logo se tornaraõ a pôr em marcha para o Forte de Culuale, onde o inimigo empenhava as suas mayores forças. Acharaõ a este defendido com quatro baluartes, e dezeseis canhoens, e circunvallado de huma trincheira formada de faxina, guarnecida de muita artilharia, e mais de mil Soldados, todos valerosamente empenhados no brio de morrer pela sua defensa. Mandou o General dividir o exercito em dous corpos para atacar o Forte, commandando o primeiro, que havia investir a trincheira, D. Francisco Mascarenhas, e o segundo, que havia atacar hum dos lados, o Coronel Dom Luiz de Pierrepont. Nesta ordem marcharaõ as nossas Trópas, e a pouca distan-

diſtancia ſe aviſtaraõ com o inimigo. Foy o combate furioſo, porque a reſiſtencia era emula da invaſaõ. Pelejavaõ os noſſos, ou como verdadeiros imitadores do antigo valor Portuguez, ou do que admiravaõ em D. Franciſco Maſcarenhas, ſervindo igualmente Soldado, e Cõmandante para ſatisfazer a ſeus heroicos eſpiritos. Era verdadeiramente couſa digna de admiraçaõ ver a eſte Cavalhero na força do mayor conflicto, humas vezes pelejando com valor taõ eſtranho, outras dizendo, o que ſe havia fazer, com tal acordo, e ſciencia, que tanto ſe fazia temer Soldado, como Commandante. Naõ houve perigo, a que deſtemidamente ſe naõ expuzeſſe, naõ houve acçaõ, que valeroſamente naõ emprehendeſſe; moſtrando naquella occaſiaõ mais vivamente, que era herdeiro daquelle valor, com que os ſeus Mayores fizeraõ, que o Oriente vencido foſſe o pedeſtal, em que eternamente ſe firmaſſem as eſtatuas aos ſeus nomes. A taõ raro valor correſpondiaõ os inimigos ao principio com vigo-

roſa

roſa reſiſtencia, empenhados na ſua defenſa a fazer mais illuſtre a victoria, mais pezado o caſtigo; porèm foy taõ horroroſo o diluvio de fogo, que lançaraõ as peças de Vinholtz, que deſcompozeraõ a trincheira. Toda a ordem, e diſpoſiçaõ deſta artelharia foy de D. Franciſco Maſcarenhas, porque era unicamente o inſtruido no uſo deſta nova invençaõ, como tantas vezes moſtrou nos exercicios, que fazia ao ſeu Regimento no Forte do Sacramento de Lisboa.

Com eſta ruina, os inimigos attendendo mais à vida, que à honra deſampararaõ a trincheira, e lançaraõ-ſe ao rio por huma porta falſa, de que jà ſe haviaõ prevenido, buſcando em hum elemento remedio ao eſtrago, que outro lhes prometia. Com occaſiaõ taõ opportuna quiz D. Franciſco Maſcarenhas, que o noſſo valor ſobiſſe ao teatro da ſua gloria, e inveſtio com os Granadeiros Portuguezes o ataque do Forte com reſoluçaõ taõ deſtemida, que o levou do primeiro aſſalto. Por eſte caminho, que abrio o va-

lor

lor, entraraõ logo os outros Soldados, e paſſando tudo, o que acharaõ, à eſpada, executaraõ as liberdades da victoria: poucas foraõ as victimas, que à noſſa juſta vingança offereceraõ as noſſas eſpadas, porque jà a mayor parte dos inimigos imitando aos outros ſeus companheiros ſe haviaõ tambem lançado ao rio; porèm ainda nelle experimentaraõ hum inſperado caſtigo, porque huns occupados do medo, e levados do deſejo de ſalvar as vidas, beberaõ a morte, e outros com varios tiros, que lhes deſpediamos de terra, lançaraõ entre as agoas o ultimo alento; unindo-ſe naquella occaſiaõ dous elementos taõ contrarios, para fazerem mayor o ſeu eſtrago, mais ſaciada a noſſa ira. Eſte caſtigo taõ juſto, como horroroſo, fez abrir as portas aos outros Fortes de Bardês para os inimigos fugirem, como fizeraõ, menos zeloſos do credito, que da vida, reſtituindo-nos toda aquella Provincia ſem perda noſſa, pois de 3U100. homens, de que ſe compunha o exercito, ſó dous Sipaes

nos morreraõ no conflicto.

Acabada taõ gloriosa Batalha, na qual a Religiaõ tanto se honrou, como a Patria, mandou D. Francisco Mascarenhas aquartelar as Trópas nos quarteis da mesma Fortaleza, onde estiveraõ atè 17. de Junho descançando do trabalho, com que em dous dias recuperámos, o que os inimigos nos roubaraõ em dilatado tempo. Aqui recebeo D. Francisco Mascarenhas huma Carta do Marquez Vice-Rey, na qual mandava, que as Trópas se recolhessem aos quarteis, a que pertenciaõ, e depois com expressoens novas de louvor mais lhe agradecia, do que se congratulava da victoria; pois naõ duvidou affirmar, que o seu braço fora o principal instrumento, que desaggravara a Coroa Portugueza dos insultos daquelle inimigo: foy disgraça, ou fortuna de D. Francisco Mascarenhas, que estes louvores, sendo os mayores, ainda fossem para o seu merecimento diminutos.

Consideraraõ neste tempo os inimigos se haviaõ continuar a guerra, e to-

todos reſolveraõ negativamente, affirmando que haviaõ ſer fataes deſpojos da noſſa ira, porque ainda ſe naõ extinguira aquelle valeroſo fogo, com que antigamente abrazámos a Azia, de que havia pouco tempo démos huma prova taõ evidente, como vergonhoſamente publicavaõ as bocas das ſuas feridas. Com eſta reſoluçaõ, que aconſelhou o medo, intentaraõ ajuſtar pazes, que depois de repetidas inſtancias ſe lhes concederaõ com Artigos taõ honroſos, e uteis para o Eſtado, que haõ de fazer eternamente veneravel a memoria do Vice-Rey nos Faſtos do Oriente. /5

Concluido eſte negocio partio D. Franciſco Maſcarenhas da Ilha de Choraõ, onde eſteve alguns dias, e paſſou a Goa. Entrou naquella memoravel Ilha taõ coſtumada a ver, e applaudir vencedores, recebendo geralmente de todos merecidas acclamaçoens, que por obrigados rendiaõ mais em obſequio da peſſoa, em quanto benemerita, que illuſtre. Em publicas vozes confeſſavaõ todos,

que o ſeu braço fora o flagelo, que caſtigára o barbaro atrevimento do inimigo; fora, quem reſuſcitara no Oriente aquelle primitivo valor Portuguez, a quem havia ſepultado, ou a deſigualdade dos premios, ou a dos tempos. Publicavaõ ultimamente, que ſendo o ſegundo no mando, fora o primeiro na victoria, que pela ſua maõ lhes mandara o Senhor dos Exercitos. Que muito que os naturaes ſe moſtraſſem agradecidos ao ſeu valor, ſe o meſmo inimigo Bonſuló, e ſeu Irmaõ Nagobá em tres cartas, que lhe eſcreveraõ, lhe louvaraõ o valor, com que ſe houvera, com expreſſoens taõ honroſas, e civîs, que nem pareciaõ de Barbaro, nem de inimigo? Eſtes Epinicios, que naõ inventava a liſonja, que extraordinaria vaidade naõ cauſariaõ a outros Capitaens illuſtres, ſe foſſem dedicados aos ſeus triunfos! Só D. Franciſco Maſcarenhas os ouvia ſem o mais leve ſinal de deſvanecimento, naquellas occaſioens taõ commum, porque a grandeza da ſua virtude fazia-lhe parecer pequena a grandeza

deza do ſeu merecimento.

Acabados os exercicios militares entrou D. Franciſco Maſcarenhas a praticar os virtuoſos, dedicando-ſe todo, ſe antes ao ſerviço da Patria, agora ao das virtudes. Como a mudança de Portugal ao Oriente ſó o fez mudar de terra, e naõ de vida, alli continuou com as ſuas acçoens virtuoſas a dar aſſumpo à admiraçaõ de todos. Alli as Igrejas lhe veneraraõ, como as de Lisboa, a meſma devoçaõ, ou foſſe nos muitos exercicios de oraçaõ, que nellas fazia, ou nas frequentiſſimas occaſioens, em que ſe confeſſava. Alli o ſeu corpo ſentio as meſmas penitencias, com que o affligiaõ igualmente os jejuns, e os cilicios. Alli admiraraõ todos o meſmo deſprezo, com que em Lisboa tratava a ſua peſſoa, andando ſempre a pé, e naõ conſentindo, que ſe lhe fizeſſem as honras militares, que lhe eraõ devidas, quando entrava em alguma Fortaleza; couſas taõ raras naquelle Eſtado em peſſoas do ſeu caracter, que na opiniaõ de muitos parecia inde-

cen-

cencia. Alli os pobres experimentaraõ a meſma affluencia de eſmolas, que lhes dava todos os Sabbados em taõ grande numero, quanto era preciſo para huma terra, em que os pobres ſe contaõ pelos moradores. Alli finalmente os Soldados o tornaraõ a experimentar Pay em todas as occaſioẽs das ſuas neceſſidades com eſmolas taõ copioſas, como frequentes, o que póde teſtificar aquella Companhia de Soldados, que perdendo miſeravelmente no mar todo o ſeu fato, e hindo lamentarſelhe do miſeravel eſtado, em que ſe viaõ, os favoreceo a todos com dinheiro para comprarem o de que mais neceſſitaſſem: podem tambem teſtificar os ſeus criados, aos quaes deu ordem, para que deſſem jantar, cea, e cama a todo o Soldado paſſageiro, que chegaſſe à porta; acçaõ, a que eſtes muitas vezes correſponderaõ, dizendo em altas vozes: *viva o Senhor D. Franciſco Maſcarenhas noſſo Pay*, *porque ainda naõ veyo à India, quem foſſe taõ amigo dos Soldados.* Se às idades vindouras podeſſem chegar eſtes brádos, ſeria deſneceſſario o pre-

o pregaõ deste Elogio, para se conservar o seu Nome sempre vivo na memoria de todos.

No principio de Julho quiz Dom Francisco Mascarenhas mudar de ares por naõ serem os de Panelim os mais saudaveis, e passou para a Provincia de Salsete a assistir em huma das Cazas dos Religiosos da Companhia de JESUS, que o haviaõ muitas vezes convidado. Esteve em o Collegio de Rachol alguns dias, sendo em todos tratado por aquelles Religiosos, mais com amor, que grandeza, porque vendo que estes o queriaõ hospedar com distincçaõ, pedio-lhes que em tudo queria ser tratado como Irmaõ. Aqui frequentissimamente era vizitado de muitos Cavalheros, e pessoas graves, e Religiosas, e como estas vizitas mais as recebia o seu genio com violencia, que agrado, porque o privavaõ dos seus devotos exercicios, resolveo passar a Sancole, onde jà havia estado, quando passou para Rachol. Aqui esteve alguns dias em companhia do Padre

dre Manoel de Figueiredo, Religioſo Jezuita, e Vigario daquella Freguesia, com quem no Reyno contrahira huma eſtreitiſſima amiſade, atè que chegando a veſpera de Santo Ignacio voltou com o dito Padre para Goa a aſſiſtir à feſta deſte grande Patriarcha. Acabada eſta, inſtou o Padre, a que tornaſſe para Sancole, porèm D. Franciſco agradecendo-lhe o amor, continuou a fazer em Panelim a ſua reſidencia.

Corria o mez de Agoſto, quando a tirania da morte o accommetteo com huma Diarréa taõ perigoſa, que logo todos ſe perſuadiraõ, que era prognoſtico da ſua morte. Recebeo D. Franciſco Maſcarenhas eſta doença com Catholica conſtancia, e admiravel quietaçaõ de eſpirito, ainda ſabendo, que eſta lhe trazia aquella formidavel hora, em que eſtaõ temeroſas as mais ſólidas virtudes. Antes dos Medicos pedio o Confeſsor, cuidando como Chriſtaõ primeiro na ſaude eterna, que na mortal. Applicados os remedios da alma, ſe entregou àquelles,

les, que para taes doenças preſcreve a medicina. Naõ faziaõ eſtes o deſejado effeito, porque o mal criava ſempre mayores forças; pareceo conveniente o mudar de ſitio, e logo os Religioſos da Companhia de JESUS fizeraõ com elle as mais poderoſas inſtancias, a que foſſe para o ſeu Collegio de S. Roque. Aceitou D. Franciſco Maſcarenhas o offerecimento mais para remedio da ſua alma, que do ſeu corpo, porque como eſtava perſuadido, que brevemente entrava nas tormentas da morte, queria que lhe aſſiſtiſſem taõ ſeguros Pilotos.

Deſejára que as minhas expreſſoens, para fazer às idades mais recomendavel eſte Elogio, ſoubeſſem relatar a rariſſima paciencia, com que pelo dilatado eſpaço de mais de 30. dias ſofreo taõ penoſa doença, ſem dar o mais leve ſinal de queixa, commum deſafogo dos doentes. Quizera dignamente explicar os actos de verdadeiro arrependimento, e celeſtial amor, que fazia taõ continuamente, que eraõ as palavras, que mais ſe lhe ouviaõ. Deſe-

jára finalmente deſcrever aquella Catholica reſignaçaõ, com que eſperava a formidavel batalha, em que vence a morte a todos os naſcidos; porèm ao meu defeito ſupriraõ as Cartas dos Religioſos da Companhia de JESUS, nas quaes naõ duvidaráõ confeſſar, que D. Franciſco Maſcarenhas na ſua prolongada doença lhes dera de virtude hum ſingulariſſimo exemplo; atteſtaçaõ digna do mayor credito por ſer de huns Varoens, em quem as virtudes ſaõ taõ familiares, como as letras. Creſcia cada vez mais a malignidade do mal, fazendo ſempre inuteis os remedios mais poderoſos: jà ſe deſcobriaõ fataes ſimptomas, triſtes annuncios, que a todos firmemente perſuadiaõ, que era chegado aquelle tempo, em que no Oriente teriaõ exercicio as lagrimas de todos os Portuguezes. Entrou logo D. Franciſco a diſporſe para a viagem da verdadeira Patria com todos os Sacramentos daquella hora: fez o ſeu teſtamento, e nelle ordenou, que à ſua alma ſe mandaſſem dizer muitas mil Miſſas, cujo numero certo

to naõ ſabemos, e que o ſeu corpo foſſe enterrado aos pès de S. Franciſco Xavier; unica occaſiaõ, em que moſtrou, que eſtimava o ſeu corpo; o que tudo correria pela diſpoſiçaõ do Padre Alexandre Cabral da Companhia de JESUS, a quem deixava por ſeu Teſtamenteiro. Chegou finalmente aquelle ultimo, e apertado lance, e fixando os olhos em huma Crucificada Imagem do tremendiſſimo Juiz daquella hora, repetindo aquellas palavras: *In manus tuas, Domine, commendo ſpiritum meum*, principiou com a morte eternamente a viver, pelas quatro horas da tarde do dia 11. de Setembro de 1741. mez, que ſendo reputado da antiguidade o dos *Fortes*, (1) com propriedade lhe tocava em attençaõ ao ſeu valor. Na Chronologia do mundo contava de idade 52. annos, e trinta dias, na das virtudes muitos ſeculos, da qual ſe deve fazer mayor recommendaçaõ por contar dos Varoens grandes a melhor vida. Mandaraõ-ſe-lhe logo dizer as Miſ-

(1) Vide Fuente no Diario Hiſtorico, tom. 9. no principio.

ſas, que havia deixado, levando todas as que ſe poderaõ dizer de corpo preſente a grande eſmola de hum Pardáo. A piedade dos Religioſos, que lhe aſſiſtiraõ, fez depois da ſua morte hum novo argumento das ſuas virtudes, vendo que a ſerenidade do ſemblante mais inculcava ſono, que morte, e admirando, que paſsadas algumas horas para o armarem Cavalleiro, lhe moviaõ as peſſoas, que o veſtiaõ, ſem violencia alguma todos os membros: ainda os animava o eſpirito das virtudes!

No ſeguinte dia foy depoſitado na Igreja da Caza Profeſsa dos meſmos Religioſos, onde com aſſiſtencia de todas as Jerarquias lhe fez a piedade Catholica os Officios, que preſcreve a Igreja, e a milicia as ultimas honras, que pedia a grandeza do ſeu Poſto. Acabadas todas as cerimonias o ſepultaraõ na parte, que devotamente pedio, pondo-lhe na Campa em lugar de Epitafio a memoria de todos. Com occulto myſterio pedio para ſepultura os pès de S. Franciſco Xavier; era juſto que lhe deſse o

tu-

tumulo, quem antes lhe dera o berço: pelo patrocinio deste grande Apostolo adquirio D. Francisco Mascarenhas todas as virtudes, com que no mundo se fez admiravel, e sendo estas, como referimos, à maneira de hum purissimo rio, que a todos frutificava, era preciso, que buscassem o mar donde nasceraõ. No dia terceiro, setimo, decimo terceiro, e trigessimo se lhe fizeraõ tambem Officios, como no seu testamento havia determinado.

As lagrimas, que saõ das virtudes das grandes almas os melhores elogios, foraõ nesta occasiaõ universaes: huns choravaõ como pobres a falta de taõ grande esmoler, outros como vexados dos inimigos a morte de taõ valeroso defensor, em quem se firmavaõ as suas esperanças na segunda acçaõ, que brevemente se determinava fazer contra o inimigo da Provincia do Norte, seguros de que a victoria havia pintar com o sangue dos inimigos outra copia do seu valor para indelevel memoria de todo o Oriente. Entre

tre todo efte fentimento, diftinguia-fe o dos Soldados, humas vezes fentindo como filhos a perda de Pay, outras como militares a falta de Meftre; obrigaçoens, que traziaõ à memoria naõ menos para o agradecimento, que para a faudade; entre as fentidas vozes dos Portuguezes ouviaõ-fe as alegres dos inimigos, confiderando-fe vencedores nefte triunfo da morte.

Se nos progreffos da vida defte Varaõ eminente attentamente reflectirmos, acharemos, que em muitas acçoens foy huma viva copia daquelle fingular Portuguez, que nunca o mundo faberá dignamente honrar, o grande Vice-Rey da India D. Joaõ de Caftro. Naõ offendo a grandeza de taõ raro Heroe, porque naõ he difcredito a hum monte fublime ver comparada a fua eminencia com a altura de hum Gigante; as femelhanças, que defcubro nas vidas deftes admiraveis Soldados naõ menos me obrigaõ, que defculpaõ a efcrever efte paralelo, que ha de fazer a copia mais eftimada, o original

nal mais vivo. Em hum, e outro Varaõ, quando mancebos, ſe admiraraõ taes virtudes, que por ellas, mais que pelo ſangue, jà principiavaõ a ſer reſpeitados com veneraçoens nobres, e plebeas: hum, e outro ſendo filhos ſegundos de illuſtriſſimos Pays cultivaraõ as letras conſtrangidos, abraçaraõ as armas voluntarios, influindo em ambos, ou a qualidade do ſangue, ou a dos eſpiritos. A eſtes dous Soldados andando de Guarda Coſta deveraõ os noſſos mares verem ſe deſaſſombrados dos Coſſarios Africanos, hum cativando-os com o valor dos Caſtros, outro talvez afugentando-os com o nome de Maſcarenhas. Dominava o coraçaõ de D. Joaõ de Caſtro huma independencia taõ heroica, que nunca pedio remuneraçaõ de ſerviços; conheceo-ſe em D. Franciſco Maſcarenhas tanto eſta imitaçaõ, que jà mais fez memorial para ſeu augmento; ſerviaõ ambos à gloria, naõ ao intereſſe. Quem conſiderando a D. Joaõ de Caſtro retirarſe à ſua Quinta de Cintra; e cultivalla com huma nova agri-

gricultura, eſquecido do valor, com que na Azia fizera reſpeitar naõ menos o nome da Patria, que o ſeu, naõ dirá que D. Franciſco Maſcarenhas imitára eſta acçaõ, quando depois de dar ao valor Portuguez huma nova gloria na victoria de Bardês, que o ſeu braço alcançára, ſe recolheo à Aldeya de Sancole, eſquecendo-ſe do ſerviço, que fizera à Coroa, e fugindo aos agradecimentos, que todos lhe dedicavaõ? Quem lembrando-ſe, de que D. Joaõ de Caſtro naõ duvidou a hir para o Eſtado da India, como Capitaõ, depois de ter ſido General de huma Armada, lhe naõ vem ao meſmo tempo à memoria a acçaõ de Dom Franciſco Maſcarenhas aceitar hir à reſtauraçaõ da Provincia de Bardês no poſto de Sargento mór de Batalha, quando era mais calificada a ſua Patente? Quem negará a ſemelhança deſtes dous valeroſos Soldados, vendo que as ſuas eſpadas foraõ os rayos mais formidaveis, que cahiraõ no Oriente, deſcarregando huma ſobre o Reyno de Cambaya, e outra ſobre a Provin-

cia

cia de Bardês com golpes taõ ſataes, que a repetiçaõ delles, como naõ achava emprego, mais parecia effeito de paixaõ deſordenada, que de juſto caſtigo? Quem admirando a compaſſiva acçaõ deſte grande Vice-Rey, quando recebeo na ſua Náo os doentes, que queriaõ lançar nas Ilhas de Cabo-Verde, e lendo neſte Elogio, o que na viagem da India obrou a piedade de D. Franciſco com os meſmos, naõ dirá, que o imitou, ou talvez, que o excedeo? Quem reflectindo na caridade, com que D. Joaõ de Caſtro ſe houve com os ſeus Soldados enfermos, aſſim no mar, como na Ilha de Moçambique, não vê em ambas eſtas partes praticar D. Franciſco Maſcarenhas eſta meſma virtude? Na vida deſte formidavel flagelo do Oriente ſe lê, que favorecia tanto aos Soldados diſciplinados, que a hum ſó por lhe ver as armas limpas lhe mandou dar trinta Pardáos; e de D. Franciſco Maſcarenhas ſe ſabe, que dava a eſtes tanto, que pareciaõ ſeus herdeiros. Hum, e outro para triunfo do eſpirito rebatiaõ as rebeldías do

corpo com as aſperas diſciplinas, ſendo eſtas as mais precioſas alfayas, que ambos deixárаõ na ſua morte. Hum, e outro apenas viaõ a Santiſſima Cruz, faziaõ huma reverencia taõ profunda, que a todos cauſava Catholica admiraçaõ. Em ambos ſe conheceo hum ſingular deſpreſo aos bens da terra, deſpreſando hum, como vís, as pedras precioſas do Oriente, e deſpendendo outro taõ largamente as ſuas rendas, e moſtrando a ellas taõ pouca inclinaçaõ, que não parecia homem neſte deſprezo. Ultimamente para remate deſta grande ſemelhança mereceraõ ambos de S. Franciſco Xavier particular amor, ajudando a hum a eſpirar, a outro a naſcer; D. Joaõ de Caſtro morrendo em ſuas mãos, D. Franciſco Maſcarenhas ſepultando-ſe a ſeus pès: e ſe o glorioſo aſſumpto deſte Elogio ſó nas acçoens militares naõ chegou a ter total ſemelhança com aquelle ſegundo Alexandre da India, foy porque a inveja da morte lhe atalhou os paſſos; ſe eſta lhe dilataſſe os fios à vida, verſe-hia D. Joaõ de

de Castro neste illustre Mascarenhas, igualmente, como nas mais acçoens, reproduzido no valor.

D. Francisco Xavier Mascarenhas, Varaõ grande por seu apellido, mayor por suas virtudes, foy na estatura proporcionado, na presença respectivo. A cor do rosto era trigueira, a testa dilatada, os olhos grandes, o nariz à proporçaõ, a barba preta, e a boca grande, e grossa. Logo de pequeno principiou a ser grande, praticando virtudes, que não sofrem os poucos annos. Cultivou as letras, e dos progressos, que fez nellas, deixou em Coimbra louvavel nome. Deixou estas pelas armas, ou fosse impulso natural, ou herdado de seus Ascendentes. Nesta vida pelo dilatado espaço de mais de vinte annos servio à Coroa por mar, e terra como verdadeiro Mascarenhas, ou se attenda ao zelo, ou à independencia. El-Rey D. Joaõ V. Principe grande entre os mayores em distinguir merecimentos, o premiou de tal

ſorte, que a Mageſtade ficou deſonerada, os ſerviços ſatisfeitos. Em o anno de 1740. commandando huma Eſquadra, paſſou ao Eſtado da India, onde pelas acçoens militares reſuſcitou a memoria dos noſſos Heroes; entendo, que a ſepultaria, ſe a inveja da morte lho naõ obſtaſſe. No exercicio das virtudes deu ſempre aſſumpto à admiraçaõ. Affligio o corpo com aſperos cilicios, e diſciplinas para conquiſtar como Soldado de Chriſto os muros da Celeſtial Cidade. Foy grande deſpreſador de tudo, o que a vaidade inventou para o reſpeito; conhecia, que para ſubir à eternidade ſaõ degráos as virtudes, naõ a nobreza; ſabia que eſta ſe ſenaõ humilha naõ tem lugar em hum Reyno, que he dos humildes. Pouco cultivou as converſaçoens da Corte, porque ſó deſejava fallar com Deos nos frequentes exercicios eſpirituaes, e quotidiana oraçaõ, que fazia. Foy affavel porgenio, e naõ por politica, eſtimando eſta virtude (talvez com pouco ſequito) como mayor realce da verdadeira nobreza: fazia deſte

mo-

modo, com que hum accidente fosse nelle substancia. Nunca faltou à verdade, nem ainda em materias levissimas; aborrecia este vicio taõ commum como mancha mayor do sangue illustre. Foy de inviolavel segredo, ainda em cousas de nenhuma consideraçaõ, sem que fosse necessario encomendarlho, porque alèm da circunstancia de proximo, tinha a de Cavalhero, que lhe dictava esta virtude. Na caridade foy remedio de muitos, exemplo de todos: venerava os pobres como Imagens de Christo, remediava-os como intercessores para a gloria. Os Soldados lhe deveraõ particular piedade, amando-os como filhos, favorecendo-os como companheiros: com estes, quando adoeceraõ em grande numero na viagem para a India, praticou com fervor taõ novo a sua caridade, como se jà soubesse, que em breve tempo o havia privar a morte de a exercitar; bastarà dizer, que para desempenhar nesta occasiaõ a sua piedade, deu a mayor parte do que possuia. Exercitou finalmente todas as virtudes Christaãs, fazendo-

se

ſe nellas raro objecto de aſſombro, ou por ſerem grandes, ou naõ commuas na vida de Soldado, que ſeguia. Em Goa na Caza de S. Roque dos Religioſos da Companhia de JESUS, acabando a carreira da vida, entrou no circulo da eternidade. Jaz aos pès do ſegundo Apoſtolo do Oriente, como pedio, acreſcentando naquella parte ſegundo theſouro. Aqui deſcançaõ taõ veneraveis cinzas com eterna ſaudade de todos os Portuguezes, que habitaõ os dous Emisferios Luſitanos, porque depois da morte entra o reſpeito a occupar o lugar, que na vida poſſuia a emulaçaõ. Eſtas grandes virtudes, que na poſteridade haõ de ter mais Panegyriſtas, que imitadores, piamente nos perſuadem, que terá eſte benemerito Soldado, conſeguido eterna palma no Celeſtial Capitolio.

FIM.